

UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL

Joelma Aparecida R Coutinho

**A AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA DA MULHER NEGRA
COMO PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO SOCIAL**

São Paulo
2015

Joelma Aparecida R Coutinho

**A AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA DA MULHER NEGRA
COMO PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Serviço Social da Universidade de Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para obtenção de título Bacharel em Serviço Social.

Orientador (a): Profa. Dra. Marlene Almeida de Ataíde.

**São Paulo
2015**

JOELMA APARECIDA ROCHA COUTINHO

**A AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA DA MULHER NEGRA COMO
PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Serviço Social da Universidade de Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para obtenção de título Bacharel em Serviço Social.

Orientador (a): Profa. Dra. Marlene Almeida de Ataíde.

São Paulo, 01 de Junho de 2015.

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Marlene Almeida de Ataíde

Prof^a Dr^a Vera Cristina de Souza

Dedico este trabalho a todas as mulheres negras conhecidas e anônimas, que apesar da ocultação histórica a que foram submetidas, contribuíram e ainda contribuem com a luta por igualdade e respeito. Dedico ainda as três mulheres da minha vida: Mãe, irmã e namorada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deusa, e a todas as entidades de matriz africana pela licença de tocar em questões tão subjetivas da cultura africana. Agradeço a meus pais Margarida e José pela vida e pela educação e cuidado que me proporcionou chegar até aqui. Agradeço a minha irmã Shirley pela ajuda com a tradução para o inglês. Agradeço a minha orientadora Professora Doutora Marlene Ataíde pelas correções, dicas, elogios e críticas. Agradeço a leitora da minha pesquisa Professora Doutora Vera Cristina de Souza. As mulheres que aceitaram ser entrevistadas contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento da pesquisa. A minha namorada Jeane pelos incentivos sem fim e pelas comemorações a cada palavra a mais que eu escrevia, e aos meus amigos por sempre me dizerem que tudo daria certo.

“Primeiro o ferro marca a violência nas costas. Depois o ferro alisa a vergonha nos cabelos. Na verdade o que se precisa é jogar o ferro fora, é quebrar todos os elos dessa corrente de desesperos”. (Cuti)

RESUMO

Esta pesquisa abordou a trajetória de vida de mulheres negras, vítimas de duas opressões históricas cunhadas de racismo e machismo. A pesquisa teve como foco principal o cabelo crespo, sendo este um dos maiores símbolos da identidade negra, porém, oprimido pelos padrões de beleza machistas e racistas. Foi possível compreender como a militância política de mulheres negras pode contribuir com a quebra de padrões acerca de suas identidades e auxiliar na compreensão do contexto sócio histórico em que estão inseridas. Sendo realizada pesquisa de campo junto a mulheres negras participantes de coletivos das periferias de São Paulo que defendem a autoestima do povo negro, por meio da busca da identidade africana.

Palavras chave: Racismo, Identidade, Negritude, Mulher negra, Política, Estética negra.

ABSTRACT

This study addressed the trajectory of black women, victims of two minted historical oppression of racism and sexism. The research was mainly focused curly hair, which is one of the greatest symbols of black identity, however, overwhelmed by the sexist and racist standards of beauty. It was possible to understand how the political activism of black women can contribute to the breakdown of standards about their identities and help understanding the historical social context in which they operate. Field research being conducted with participants of collective black women from the suburbs of São Paulo who defend the self-esteem of black people, through the pursuit of African identity.

Keywords: Racism, Identity, Negritude, Black woman, Politics, Aesthetics black.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Símbolo do Movimento <i>Black Power</i>	24
Figura 2 - Símbolo do Sankofa (Coração)	28
Figura 3 - Símbolo Sankofa (Pássaro)	29
Figura 4 - Ato Estético Político	35

LISTA DE SIGLAS

CLBR – Coleção de Leis do Brasil República

FBI – *Federal Bureau of Investigation* (Departamento Federal de Investigação)

IBASE – Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

JK – Juscelino Kubitschek

MG – Minas Gerais

PJ – Pastoral da Juventude

PUC – Pontifícia Universidade Católica

PUC/Rio – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

SESC – Serviço Social do Comércio

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TV – Tele visor

UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPITULO I	15
1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	14
1.1 A história do mundo: seu começo pela África	15
1.2 Colonização e escravidão: algumas considerações.....	16
1.3 A dizimação do povo negro e a miscigenação	20
1.4 O Movimento Black Power	22
CAPITULO II	25
2 IDENTIDADE: DO QUE SE FALA?	25
2.1 Cultura e diversidade	25
2.2 A identidade cultural.....	26
2.3 Símbolos de afirmação da identidade	27
2.4 A mulher negra nos espaços políticos	32
CAPITULO III	36
3 SERVIÇO SOCIAL: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	36
3. 1 A relação entre o Serviço social e a questão étnico racial.	37
CAPITULO IV.....	42
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	42
4.1 O problema, a hipótese e os objetivos	45
4.2 Os sujeitos da pesquisa	45
4.3 As categorias de análises eleitas.....	47
4.4 Análises dos resultados da pesquisa.....	47
REFERÊNCIAS.....	66
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	69
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA	71

INTRODUÇÃO

Enquanto a cor da pele for mais importante que o brilho dos olhos, haverá guerra. (Bob Marley).

Este trabalho teve como finalidade estudar as questões relacionadas à afirmação da identidade étnica, tendo como principal sujeito de pesquisa, cinco mulheres negras participantes de coletivos e movimentos sociais que disseminam a resistência do povo negro em relação à cultura do embranquecimento¹, tendo como ideologia principal o ato estético político, pois este se dá por meio do uso de simbologias visuais como instrumento de afirmação de uma identidade que teria sido anulada pelo processo de colonização. Para isso, foram estudados os aspectos históricos em que o povo negro mostrou resistência pela sua liberdade e por sua etnia. Ou ainda, movimentos que não são do segmento negro, mas que lutam pela emancipação humana.

A pesquisa teve como objetivo geral conhecer a trajetória de mulheres negras participantes de coletivos das periferias da Zona Sul e Zona Leste de São Paulo, que assumem o cabelo crespo como símbolo de um ato estético-político. Para os objetivos específicos, delimitou-se por entrevistar cinco mulheres da raça negra na faixa etária entre 20 a 40 anos de idade, que participam de movimentos sociais na cidade de São Paulo para, compreender a importância da identidade negra e a luta pela emancipação política nos movimentos sociais, bem como, analisar o processo de modificação dos cabelos enquanto resgate histórico, cultural estético-político do povo negro; e por fim, verificar se a emancipação das mulheres negras se dá através do ato de assumir o cabelo crespo, como um símbolo de suas identidades.

Do ponto de vista do problema levantou-se a seguinte questão: Por que numa sociedade em que sua população é majoritariamente afrodescendente, persiste em impor padrões de beleza europeus? Isso tem como foco principal a modificação de cabelos crespos por meio de processos químicos de alisamentos, devido a esse tipo

¹ Segundo Hofbauer (2006), o embranquecimento ou branqueamento é uma categoria analítica que vem sendo utilizada por pesquisadores com mais de um sentido. O branqueamento é visto como a adesão dos modelos culturais brancos pelo segmento negro, resultando na perda dos hábitos e crenças de matriz africana, também é definido pelos autores como sendo o processo de "clareamento" da população brasileira.

de cabelo ser considerado um cabelo ruim? Quanto a hipótese, teve a seguinte suposição: Ao desconstruir a ideia de que precisa passar por processos químicos de alisamento nos cabelos para ser socialmente aceita e considerada bonita, a mulher negra passa por um processo que é emancipatório, e que resgata a sua identidade racial, o que faz do ato de assumir um cabelo *Black Power* e *Dread Look* ou o simplesmente crespo, mais que uma elevação de autoestima, trata-se de um ato estético político que busca a afirmação de sua identidade enquanto mulher negra.

A pesquisa foi na perspectiva qualitativa, pois se propõe a responder a questões muito particulares, tendo em vista que visa um nível de realidade que não pode ser quantificado. A metodologia utilizada foi na perspectiva da história de vida, através do relato oral, pois, trata-se de um dos métodos que compõe o campo mais amplo da pesquisa qualitativa, constituindo-se como um dos instrumentos fundamentais das ciências humanas e sociais.

Para tanto o primeiro capítulo dedicou-se a uma contextualização histórica trazendo autores que discutem questões relacionadas à história da África, perpassando pela colonização do nosso país, destacando posteriormente o Movimento *Black Power*. O segundo capítulo se propôs a discutir a categoria identidade, nos aspectos de cultura e diversidade, aliado aos símbolos que traduzem a afirmação da identidade negra e suas incursões nos espaços políticos. No terceiro capítulo realizou uma breve contextualização histórica sobre o Serviço Social, e a relação da profissão com a questão étnica racial. Já o quarto capítulo foi responsável por discutir os procedimentos metodológicos que iluminaram a pesquisa, bem como apresentar o problema do estudo, além de perguntas norteadoras, e os objetivos que foram traçados. Prosseguindo foi realizada a apresentação dos sujeitos de pesquisa, as categorias de análise que foram eleitas, e as análises propriamente ditas as quais se encontram fundamentadas por intermédio de autores que subsidiaram este estudo.

Para entender a importância da simbologia estética como ato político e demonstração de empoderamento, iniciou-se a pesquisa bibliográfica com a contextualização histórica do negro no Brasil, tendo como destaque as lutas onde o negro foi protagonista de sua própria libertação, como durante a formação dos quilombos e a revolta dos malês, saindo um pouco do Brasil para dar destaque ao

Movimento *Black Power* que lutava pela igualdade dos direitos civis entre negros e brancos nos Estados Unidos. Após perpassar brevemente pela história, fundamentamos a importância da afirmação da identidade do negro a partir das simbologias que envolvem a cultura africana, e o quanto o corpo do negro vem carregado de símbolos que traduzem seu posicionamento político. E para finalizar e reafirmar a relevância do tema proposto este relacionou o Serviço Social com o assunto utilizando o código de ética profissional como norteador, entendendo as relações étnico-raciais como uma expressão da questão social, e a afirmação da identidade do povo negro, em especial da mulher negra, como um processo de emancipação. Para a pesquisa de campo elegemos cinco mulheres participantes de diferentes movimentos sociais ou coletivos, sendo estes do segmento negro ou não. Com a finalidade de entender suas histórias a partir do cabelo, o que tiveram e ainda tem que enfrentar por conta deste. Essas entrevistas buscaram entender o significado do cabelo na infância, o pertencimento étnico racial, o cabelo como símbolo da identidade negra, a relação do reconhecimento da identidade negra com o processo de emancipação, e a visão em relação ao racismo. Tendo como objeto central de pesquisa o cabelo crespo.

CAPITULO I

1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

As grandes navegações promovidas pela Europa foram responsáveis pelo desenvolvimento do mundo ocidental. Naquela época havia necessidade de explorar outras terras para abstrair o que de rentável teria nessas.

Como os demais reinos da Europa, o governo de Lisboa tem grande interesse em ampliar o comércio que, no século 15, é uma poderosa fonte de enriquecimento. A busca de matérias-primas e de metais preciosos em terras distantes visa garantir ao rei novos domínios e recursos suficientes para fortalecer seu poder bélico, assegurar o controle dos mercados recém-conquistados e possibilitar a acumulação de riquezas ainda maiores. (GENNARI, 2011, p. 13).

Os portugueses viajaram por muito tempo até encontrar o que hoje se chama Brasil sendo que o primeiro lugar a ser habitado foi a região de São Vicente/SP. Nos primeiros anos os portugueses negociavam com os habitantes existentes que eram os índios a retirada das riquezas da região, trocando por quinquilharias que impressionava os povos indígenas. Mas, não demorou em explorarem tanto a terra como os primeiros habitantes dela. O trabalho assalariado não era rentável, por isso tentaram escravizar os índios, tentativa essa que teve sucesso no início, mas o conhecimento que os índios tinham daquela terra os favorecia nas fugas. Eis que tiveram a ideia de promover o sequestro e tráfico de escravos na África, já que sabiam do conhecimento que os africanos tinham no trabalho com ferro, e que a prática da escravidão no Continente Africano era comum. Os sequestros também tiveram falhas no início, mas logo tiveram sucesso, pois surpreendiam diversas tribos geralmente no período da noite, e não se fazia distinção entre mulheres, homens e crianças, todos eram sequestrados e levados para um navio mais conhecido como Navio Negreiro onde eram transportados como animais em condições insalubres. Muitos não sobreviviam a viagem. E dessa forma deu-se início aos trezentos anos de tráfico e escravidão no Brasil.

1.1 A história do mundo: seu começo pela África

Não que seu seja racista, mas existe uma história que só os negros sabem contar. (Éle Semog).

Estudos apontam que os primeiros seres humanos que habitaram a terra, teriam vivido na região da África, sendo a anatomia de seus habitantes formada de acordo com a região árida. Devido ao calor da região, eram necessários altos índices de melanina no organismo para suportar as altas temperaturas, o que explica os cabelos e olhos pretos e a cor da pele escura. Tendo a povoação das regiões mais frias, onde hoje se localiza a Europa, por exemplo, não se faz mais necessário o alto índice de melanina, as narinas precisam ser mais finas para aquecer o ar antes deste entrar nos pulmões. Como afirma Ki-Zerbo:

As características exteriores e os fenômenos internos não estão absolutamente separados. Se certos genes comandam os mecanismos hereditários que determinam a cor da pele, por exemplo, esta também está ligada ao meio ambiente. Observou-se uma correlação positiva entre estatura e temperatura mais elevada do mês mais quente e uma correlação negativa entre estatura e umidade. Da mesma forma, um nariz fino aquece melhor o ar num clima mais frio e umidifica o ar seco inspirado. É assim que o índice nasal aumenta consideravelmente nas populações subsaarianas, do deserto para a floresta, passando pela savana. Embora possuindo o mesmo número de glândulas sudoríparas que os brancos, os negros transpiram mais, o que mantém seu corpo e sua pele numa temperatura menos elevada. (KI-ZERBO 1982, p. 277).

Tal estudo, explica que a diferença entre negros e brancos tenha sido apenas uma adaptação natural da formação humana. O que não torna nenhuma das duas etnias superiores. Remetendo a Darwin e a teoria da origem das espécies, estes estudos fazem sentido, uma vez que este acredita na seleção natural das espécies por adaptação ao clima e região. É possível assim contrapor as ideias de superioridade da raça ariana, sobre a raça negra. Se a história do mundo teria

começado na África, todos os seres humanos, incluindo os brancos descendem do fenótipo negroide².

1.2 Colonização e escravidão: algumas considerações

“Aqui onde estão os homens, há um grande leilão, dizem que nele há uma princesa a venda, que veio junto com seus súditos, acorrentados num carro de bois.” (Jorge Bem Jor).

Colonizar seria explorar novos espaços implantando a sua cultura ao outro, ao seu modo sem pedir licença.

Colonização é a ação e o efeito de colonizar (estabelecer colônia, fixar num terreno a morada daqueles que o cultivaram). O termo é usado em diversos âmbitos para indicar a ocupação ou a povoação de um espaço (colonizado) por parte de um grupo (colonizador), podendo ser humano ou de outra espécie. No contexto dos seres humanos, a colonização costuma referir-se ao assentamento de um povo (os colonos) numa zona desabitada. O conceito é usado como justificação para apoiar o direito à ocupação de um território supostamente virgem, o que implica ignorar uma ocupação anterior por parte de outros grupos (nativos ou indígenas). (CONCEITODE, 2013)

No nosso país, foi de fato no ano de 1500, quando os portugueses descobriram o Brasil. No entanto, no termo descobrimento há contradições, considerando que na verdade o que houve foi uma ocupação / invasão de uma terra já habitada por um povo, e tais invasores usaram a violência e a imposição religiosa e cultural de superioridade de um povo sobre o outro.

O pensamento colonizador permanece no imaginário social nos tempos atuais e está presente nas relações sociais e na desigualdade entre as etnias. As ideologias coloniais perduram influenciando pensamentos e o modo de organização da sociedade, ou seja, a exploração do homem pelo homem se tornou oficial no período colonial, o capitalismo que temos nos dias de hoje é apenas a modernização

² Negros, negroide ou povo negro são termos usados em sistemas de classificação racial para os seres humanos com um fenótipo de pele escura, em relação a outros grupos raciais. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Negros> (acessado em 27/10/2014).

da colonização. Sendo assim é preciso descolonizar o pensamento para construir uma nova ordem social.

A história carece de informações sobre a África, por diversos fatores. No entanto, o que mais nos interessa para discorrer sobre o tema proposto foi o tráfico de negros africanos para o trabalho escravo no Brasil no período colonial no século XV. Os portugueses (colonizadores do Brasil) tinham conhecimento das habilidades dos negros africanos nas atividades açucareiras, e também no trabalho com o ferro. Estima-se que mais de quatro milhões de africanos escravizados foram trazidos para o Brasil no período que se intitula escravidão (1550-1855), conforme nos relata Fausto (2010).

É fato que a história do povo negro não se resume ao período da escravidão no Brasil, porém como já mencionamos, há poucos registros sobre sua história antes de serem escravizados. Alguns historiadores contemporâneos trataram de investigar a história do negro antes da colonização, já que essa história é contada pelos brancos sem a contundente riqueza de detalhes com a possível intenção de diminuição da sua culpa diante das atrocidades cometidas durante o período da escravidão.

Estudos apontam que uma das civilizações mais importantes da história da humanidade foi a egípcia, esta teria vivido no norte do continente africano, tendo como sua rainha mais importante *Cleópatra*, e está era negra. Além desta, a história contada por historiadores negros registra a existência de sete importantes rainhas da região da África: *Cleópatra*, *Nzinga*, *Aqultune*, *Taitu Bitul*, *Na Agontimé*, *Teresa do Quariterê* e *Luiza Mahin*. Esses registros mostram que foram sequestrados como escravos reis, rainhas, príncipes e princesas, pessoas da nobreza para os povos da África, demonstrando o tamanho desrespeito e ousadia das tropas portuguesas.

O sistema escravista não somente escravizou o negro, como roubou sua história e sua identidade. Registros históricos mostram que antes de embarcarem nos navios negreiros, os africanos eram obrigados a dar voltas em torno de uma árvore chamada Baobá, segundo lendas africanas, essa era a árvore do esquecimento, sendo assim os negros deixaria suas memórias, costumes e cultura, para viverem na situação de escravos no Brasil, esquecendo todo seu passado. Esse era um ato do colonizador para fazer com que os negros não tivessem forças

para a luta quando chegassem ao destino. Os negros escravizados tinham como única saída aderir ao sistema escravista, anulando suas identidades deixadas na África. “Sua aceitação aumenta à medida que assimilam os valores dominantes. Isso faz com que a perda da identidade africana seja vista como um meio para ocupar os postos que proporcionam um maior grau de liberdade, segurança e prestígio.” (GENNARI, 2011, p. 29).

As justificativas de inferiorização dos negros eram as mais utilizadas para o trabalho escravo. Como por exemplo, o tamanho do crânio traz a ideia de que os negros tinham menos inteligência, portanto uma raça inferior, além de outras justificativas religiosas, como dizer que os negros não tinham alma por isso poderiam ser escravizados.

Por mais que os estudos históricos pouco se manifestem sobre isso, sabe-se que os africanos escravizados resistiram ao trabalho compulsório desde o início, mesmo com tamanha dificuldade por estarem em terra desconhecida e separados de sua cultura e família.

O homem, porém, por mais abatido e rebaixado que seja em sua dignidade, em sua vontade e liberdade, pela prepotência de seu semelhante, tende sempre a sacudir o jugo. O livre promove as revoluções, transforma a sociedade, modifica a organização social. O escravo revolta-se parcialmente contra os senhores. (MALHEIRO, s/d, s/p.).

A história do negro africano é uma lacuna na história da humanidade, que foi deixada para trás no período colonial. A maioria dos brasileiros hoje é afrodescendente³ em decorrência da miscigenação, porém não é possível saber de onde vêm suas raízes e a qual povo africano pertenciam.

³ A população negra brasileira – que já era a maior fora da África – ultrapassou a casa dos 100 milhões de pessoas, de acordo com o estudo “Projeção da População do Brasil por Sexo e Idade para o período 2000/2060 e Projeção da População das Unidades da Federação Por Sexo e Idade para o período 2000/2030”, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A população preta e parda, que corresponde a 50,7% da população brasileira, de acordo com o Censo do IBGE de 2010, agora já chega a 101.923.585 habitantes.

Fonte: <http://www.afropress.com/post.asp?id=15404> acessado em 27/10/2014.

Merece destaque a formação dos quilombos e mocambos, espaço formado por negros, índios e brancos, onde se refugiavam os negros que conseguiam fugir das senzalas. Os quilombos tinham administração própria e era organizado conforme o que vivenciavam na África, tendo líder eleito pelos demais membros, não podendo este tomar decisões sem a consulta popular. Um dos quilombos mais importantes foi o Quilombo dos Palmares, localizado onde hoje é parte do Estado de Alagoas.

Palmares ficava numa região de difícil acesso para as tropas oficiais penetrarem, tendo um bloqueio natural que favorecia a proteção dos escravos fugidos. Palmares foi liderado durante muitos anos por Ganga Zumba, e depois de conflitos internos, esse posto foi assumido por Zumbi dos Palmares, importante figura na história de resistência do povo negro, que liderou Palmares com astúcia e preferiu a morte ao se render a escravidão novamente. Além de Palmares, outros quilombos se formaram ao longo dos trezentos anos de escravidão, resistindo de todas as formas. Outras formas de resistência ao sistema escravista eram os suicídios, os abortos e o banzo (saudade na terra natal, onde os negros caíam em depressão e definhava até morrer).

Torna-se importante enfatizar neste estudo o desenvolvimento do trabalho que culminou com a Revolta dos Malesees ocorrida em Salvador Bahia em 25 de janeiro de 1835, pois,

Malês é o nome pelo qual são conhecidos os africanos muçulmanos que vivem na Bahia. Ainda que a origem dessa palavra seja objeto de controvérsias, esta vem do termo *imale* que na língua ioruba, significa islã ou muçulmano. É só na Bahia que vamos encontrar essa palavra malê e isso se deve justamente à maior presença ioruba. Ao usar esse nome, portanto, não falamos de uma etnia, mas sim de qualquer africano escravo ou liberto de origem africana que adote o islamismo como sua religião. (GENNARI, 2011, p.102)

A revolta dos Malesees pretendia tomar a Bahia, e ter um estado somente de negros africanos. Nem mesmo os crioulos e mulatos escapariam, pois se entendia que estes contribuíam para a manutenção do sistema escravista a partir da aceitação pacífica da condição de escravo. A revolta foi bem planejada muito antes

de seu acontecimento. Mas um dia antes desta acontecer a notícia vazou para as grandes autoridades que trataram de manter a polícia preparada, o que causou a derrota do movimento.

Há ainda, por outro lado incipientes relatos quando se trata da história da mulher negra, pois esta vivia numa forma de organização matrilinear em diversas regiões da África. Foram também sequestradas de sua terra natal, para servir de escravas no Brasil. Sabe-se que as mulheres não eram diferenciadas dos homens, e eram submetidas aos mesmos trabalhos (o negro era visto como coisa, e não como pessoa). Mas os trabalhos domésticos na Casa Grande eram delegados as mulheres negras, além de servir de escravas sexuais para seus proprietários.

Essa lacuna na história da formação do Brasil rende aos tempos atuais muitas lutas do povo negro pela busca de sua identidade, somando as lutas contra o racismo que ainda assombra o mundo contemporâneo.

1.3 A dizimação do povo negro e a miscigenação

Neste país o negro é tratado como animal e os animais não tem sobrenome. (Malcon X).

Os negros escravizados foram libertos após a assinatura da Lei Áurea em 13 de maio de 1888:

Lei esta que encontra-se abaixo na integra.

A Princesa Isabel, Imperial Regente, em nome de Sua Majestade o Imperador, o Senhor D. Pedro II, faz saber a todos os súditos do Império que a Assembléia Geral decretou e ela sancionou a lei seguinte:

Art. 1º: É declarada extinta desde a data desta lei a escravidão no Brasil.

Art. 2º: Revogam-se as disposições em contrário.

Manda, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumpram, e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nela se contém.

O Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura Comercio e Obras Publicas e interino dos Negócios Estrangeiros, Bacharel Rodrigo Augusto da Silva, do Conselho de sua Majestade o Imperador, o faça imprimir, publicar e correr.

Dada no Palácio do Rio de Janeiro, em 13 de maio de 1888,
67º da Independência e do Império.

Princeza Imperial Regente.

RODRIGO AUGUSTO DA SILVA

Este texto não substitui o publicado na CLBR, de 1888

Carta de lei, pela qual Vossa Alteza Imperial manda executar o Decreto da Assembléia Geral, que houve por bem sancionar, declarando extinta a escravidão no Brazil, como nela se declara.

Para Vossa Alteza Imperial ver.

Chancellaria-mór do Império.- Antonio Ferreira Vianna.

Transitou em 13 de Maio de 1888. - José Júlio de Albuquerque

Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LIM/LIM3353.htm acessado em 27/10/2014

É sabido que a lei áurea não resolveu o problema dos negros escravizados. Desde então todos estavam livres, porém, não sabiam para onde ir. Serviram durante mais de trezentos anos de trabalho escravo, e a lei não deu a este povo o direito de receber pelos anos de trabalho, e muito menos receberam assistência do Estado, ao contrário, a partir deste momento a ideia era dizimar o povo negro do Brasil, e como se entendeu que estes não conseguiriam voltar para a terra natal, afinal já haviam se naturalizado enquanto brasileiros.

A primeira tentativa de “embranquecer” o país se dá na própria abolição, aliás, a abolição da escravatura tem caráter meramente econômico, e parte de interesses das elites em fazer avançar o desenvolvimento capitalista que já pairava pelo mundo, principalmente na época.

Outras leis emancipatórias foram promulgadas com o intuito de ceder a pressão britânica que tinha interesses econômicos. Merece destaque a Lei do Ventre Livre, que declarava livre todos os filhos de escravas nascidos a partir de 1871, o que era uma grande farsa, pois a maioria desses bebês eram retirados de

suas mães e colocados na Roda dos excluídos (onde eram colocadas as crianças órfãs), e as mães eram obrigadas a servir de amas de leite para alimentar os filhos de seus senhores. Além do mais, o senhor tinha responsabilidade de criar a criança até completar 21 anos, o que gerava diversas controvérsias e a criança poderia ser feita de escrava durante esses anos. Também a Lei do sexagenário que declarava livres as pessoas com mais de 65 anos.

O fim da escravidão não significava o início da liberdade dos negros, e sim o início de seus problemas. Os ex-escravos tinham grande dificuldade de encontrar emprego, pois a discriminação racial se manteve intacta, mesmo estes sendo juridicamente iguais aos brancos, nas relações sociais que estabeleciam, os negros continuavam sendo vistos de forma diferente, a partir desse movimento de pós-abolição. Com o início da era industrial temos o aumento da população pobre no Brasil e a formação dos cortiços, e hoje as favelas. Esse movimento explica porque hoje o público majoritário atendido pelo Serviço Social é negro, não é coincidência que os pobres e moradores das favelas são em grande maioria negros.

Outro fator de grande importância para falar do “embranquecimento” do país foi a miscigenação. A ideia era promover a relação de brancos com negros para que as crianças nascessem mais claras. O incentivo da imigração de europeus para o trabalho assalariado nas fazendas foi uma tática de embranquecer o país, dizimando o povo negro para longe. Portanto, sem trabalho o negro não teria como se alimentar, e sem se alimentar morreria, além de aumentar a população de brancos de modo que a cor branca predominasse no processo de miscigenação. O que se conseguiu foi um país de diversas etnias, onde até mesmo os brancos possuem características negras. É possível ver nos brasileiros hoje, negros com nariz mais fino, brancos com o cabelo crespo, negros com cabelo liso.

1.4 O Movimento Black Power

Discutir sobre o Movimento *Black Power* requer passar pelos Estados Unidos com a finalidade de se destacar uma época significativa na história do povo negro. Durante dos anos de 1970, os negros revoltados com a segregação racial deram

início ao Movimento *Black Power*, com a fundação do *Black Panthers Party* (Partido Panteras Negras)⁴. Esse movimento declarava liberdade ao povo negro e tinha como bandeira, levantar a autoestima daquele povo afirmando sua identidade, ao se utilizarem dos cabelos estilo *black power*⁵ como simbologia do movimento. Por isso esse movimento nos interessa para o desenvolvimento da pesquisa. A luta pelo respeito à identidade do povo negro revela a busca pela identidade roubada pelos traficantes de africanos.

O Partido dos Panteras Negras utilizava das leis americanas para se defender da violência policial, onde era permitido se armar para se defender. E atuavam em qualquer espaço em que houvesse abuso de autoridade policial em consequência da cor da pessoa abordada. Uniformizados e armados, ditavam artigos que favoreciam suas ações deixando os policiais sem a possibilidade de praticar a violência abusiva contra eles, já que era um grupo grande.

O movimento antes desprezado pelos negros como uma iniciativa fracassada, após o primeiro episódio de sucesso contra a violência policial, teve repercussão, ganhando outros negros como aliados. Também foi de grande valia a presença de mulheres no partido, o que em sua fundação não era possível, mas após a reivindicação das mesmas para se aliarem, foi permitido e teve grande sucesso. Um detalhe importante é que somente negros poderiam ser membros do partido, uma condição que pode parecer um racismo ao contrário, mas não é, pois se voltarmos à história do povo negro, todas as ações de destaque que os pudesse favorecer foram protagonizadas pelo branco, como o movimento abolicionista no Brasil que só teve sucesso por conter brancos a frente do movimento. Portanto, esse seria o momento do negro ser protagonista de sua própria libertação, não podendo correr o risco de o branco tomar a sua frente na luta.

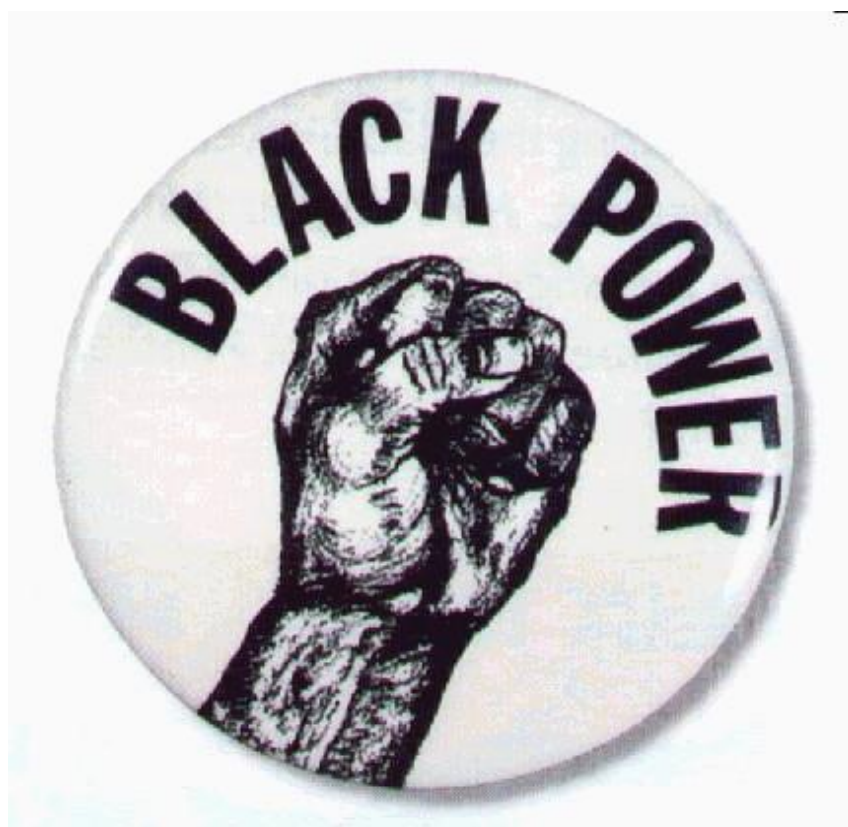
⁴ O Partido dos Panteras Negras dos Estados Unidos foi uma organização revolucionária fundada em outubro de 1966 por *Huey Newton* e *Bobby Seale* com o objetivo de lutar para estabelecer o socialismo através da organização de massas e programas comunitários de base, praticando a autodefesa militante. A repressão do governo norte americano contra o partido, com o assassinato e prisão de muitos de seus dirigentes e militantes, junto à degradação interna e divisões, acabariam por fazê-lo desaparecer no princípio dos anos oitenta.

⁵ *Black Power* significa Poder Negro.

O partido foi crescendo e ganhando repercussão mundial, onde outras sedes foram se formando pelo mundo. E crescendo foi provocando o ódio das autoridades policiais. Foram inúmeras as tentativas de boicotar o movimento, incluindo traidores dentro do partido, mudando as leis que os pudesse favorecer, e até atacando as sedes dos partidos.

Após a prisão manipulada de *Huey Newton*, o principal líder do partido, este foi perdendo a força. Muitos membros importantes foram dizimados pelos embates policiais, mas a ação que, pois fim ao partido foi a implantação de drogas mais fortes nas comunidades negras, como a heroína, o que foi capaz de dispersar os negros através do vício. Mas as ideologias continuam vivas, e presente em diversos gêneros musicais, assim como o punho cerrado que era o principal símbolo do partido, que é possível observar hoje em diversos movimentos sociais.

Figura 1 - Símbolo do Movimento *Black Power*



Fonte: <https://anos60.wordpress.com/2008/02/04/direitos-civis-nos-eua-black-power/>

- acesso em 01/11/2014

CAPITULO II

2 IDENTIDADE: DO QUE SE FALA?

Identidade tem origem etimológica no latim *idem*, “o mesmo”. Identidade é aquilo que identifica o indivíduo e o faz se reconhecer e ser reconhecido. Para Chebel (2001, p. 40 Apud COSTA) “a identidade é uma estrutura subjetiva marcada por uma representação do “eu” oriunda da interação entre indivíduo, os outros e o meio”.

A identidade é construída historicamente pelos elementos que os rodeia, como família, amigos, espaços educacionais, vivências, relações sociais, todo o cenário social tem influência sob a identidade de um indivíduo ou de um povo, essa identidade vem carregada de símbolos, a maioria deles estéticos. Esses símbolos identitários dizem a qual grupo pertence, a qual época, os símbolos são capazes de nos identificar.

O conceito de identidade evoca sempre os conceitos de diversidade, isto é, de cidadania, raça, etnia, gênero, sexo, etc, com os quais ele mantém relações ora dialéticas, ora excludentes, conceitos esses também envolvidos no processo de construção de uma educação democrática. (MUNANGA, s/d, p. 5).

2.1 Cultura e diversidade

Cultura é o conjunto de hábitos, crenças, valores que permeiam uma determinada sociedade. Conforme afirma Santos (1983, p. 24) “cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação, ou então de grupos no interior de uma sociedade”. Há ainda uma segunda concepção de cultura estudada por Santos (1983, p.24) que se refere “ao conhecimento, as ideias e crenças, assim como as maneiras como eles existem na vida social”. Sendo a diversidade aquilo que diversifica esses costumes e hábitos.

A diversidade cultural é um precioso conjunto de experiências e inteligências, necessário às complexas formulações e atuações em várias áreas da vida humana, testemunhando sua singularidade e desenvolvimento histórico, pode-se pensa-la

como um "código genético" que registra todo seu potencial de desenvolvimento social. (AMARAL, 2008, p. 1)

A história de um povo é transmitida através de suas manifestações culturais, e cada época vivida por um mesmo povo, pode ter costumes diferentes devido ao desenvolvimento da sociedade.

Porém, essa diversidade cultural entra em conflito, quando culturas que se entendem como dominantes resolvem impor seus costumes e hábitos a culturas que julgam serem inferiores. Como mencionado em capítulos anteriores no Brasil, por exemplo, a colonização foi responsável pelo sequestro de milhares de povos africanos para trabalhar como escravos nas lavouras. Desta forma não se fazia distinção entre as tribos, sem levar em consideração o modo de vida que levavam. Os africanos foram transportados para uma terra diferente, sem conhecer a língua natal, sem nome, sem respeito à origem, família, identidade. Assim com esse fato que nos interessa temos diversos exemplos de culturas que se entendem como dominantes e que praticaram atrocidades contra outros povos que subjugavam ter uma cultura inferior ou errada. O fato é que cultura muitas vezes se remete a um conceito de civilização, sendo entendido como melhor o povo que mais conseguiu se desenvolver na natureza ao longo da história da humanidade. Outro problema é a comunicação entre os povos que desenvolveram outras formas de linguagem que não a escrita e podem ser vistos como atrasados.

2.2 A identidade cultural

A identidade cultural está diretamente ligada aos símbolos que traduzem a identidade de um povo ou de um indivíduo, seja por meio das vestimentas, cabelo, ou manifestações culturais. Essa identidade cultural é aquilo que marca o indivíduo, e pode-se dizer que são os elementos que revelam a qual grupo o indivíduo faz parte.

Nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (GIDDENS, 1990, Apud HALL, 1997, p. 15).

Portanto, a identidade cultural não é estática, ela se modifica ao longo do tempo, e sofre influências internas e externas. Entender como o indivíduo se identifica culturalmente em tempos de globalização, requer resgates históricos já realizados no presente trabalho. É sabido que no Brasil não há uma identificação cultural única, devido à diversidade de povos existentes. Essa diversidade de identidades faz com que o indivíduo se molde ao longo de sua história de vida para atender as demandas de todas as épocas de sua existência. Os que mais se adequam a essas mudanças culturais são os jovens, e em especial as mulheres que se vêem obrigadas a se adaptar ao desenvolvimento estético da sociedade.

2.3 Símbolos de afirmação da identidade

“Você ri da minha roupa, você ri do meu cabelo, você ri da minha pele, você do meu sorriso. A verdade é que você, todo brasileiro, tem sangue crioulo, e tem cabelo duro, sarará crioulo.”
(MACAU).

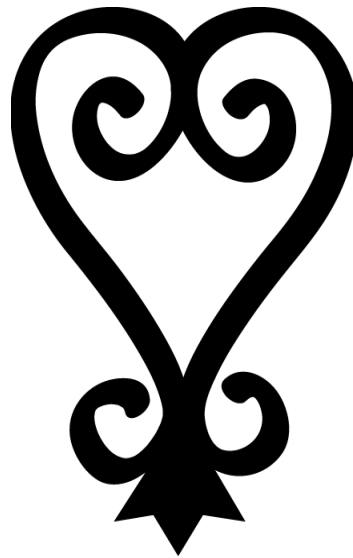
A ideia que se pretende desenvolver no presente trabalho faz a relação com um símbolo africano chamado *Sankofa*, pois analisa a busca de um povo pelas suas origens, utilizando como principal símbolo de ruptura da alienação, o cabelo que deixará de seguir os padrões eurocêntricos opressores para se tornar um símbolo de resistência política.

Sankofa (*Sanko* = voltar; *fa* = buscar, trazer) origina-se de um provérbio tradicional entre os povos de língua Akan da África Ocidental, em Gana, Togo e Costa do Marfim. Em Akan “*se wo were fi na wosan kofa a yenki*” que pode ser traduzido por “*não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu*”. *Sankofa* é, assim, uma realização do eu, individual e coletivo. O que quer que seja que tenha sido perdido, esquecido, renunciado ou privado, pode ser reclamado, reavivado, preservado ou perpetuado. Ele representa os conceitos de auto-identidade e redefinição. Simboliza uma compreensão do destino individual e da identidade coletiva do grupo cultural. É parte do conhecimento dos povos africanos, expressando a busca de sabedoria em aprender com o passado para entender o presente e moldar o futuro. Desvela, assim, desde a experiência africana e diaspórica, uma abertura para a heterogeneidade real do

saber humano, para que nos possamos observar o mundo de formas diferentes. Em suma, perceber os nossos problemas de outros modos e com outros saberes. Em tempos de homogeneização, esta é a maior riqueza que um povo pode possuir. (SANKOFA, 2008, p. 4)

É sabido que há imensa dificuldade em resgatar aspectos da história do povo negro, devido aos trezentos anos de escravidão a que estes estiveram submetidos. Mas a luta pelo resgate as raízes é um processo necessário. Para isso vamos entender a identidade como um aspecto de extrema importância para a formação do ser político.

Figura 2 - Símbolo do Sankofa (Coração)



Fonte: <http://www.michaeloart.com/sankofa-reach-back-and-get-it/> - acesso em 01/11/2014

Figura 3 - Símbolo Sankofa (Pássaro)



Fonte: <http://www.michaeloart.com/sankofa-reach-back-and-get-it/> - acesso em 01/11/2014

A mulher negra é a principal vítima dessa opressão, devido ao sistema em que ela está inserida ser racista e machista, sendo que esta se veja obrigada a se parecer com a mulher branca ao máximo que puder para ser aceita. Por questões como essas, a mulher negra será o foco central dessa pesquisa.

Segundo Hooks (2005):

Apesar das diversas mudanças na política racial, às mulheres negras continuam obcecadas com seus cabelos, e o alisamento ainda é considerado um assunto sério. Por meio de diversas práticas insistem em se aproveitar da insegurança que nós mulheres negras sentimos com respeito a nosso valor na sociedade de supremacia branca. (HOOKS, 2005, p. 1).

Diante dessa realidade, o sistema capitalista neoliberal trata de desenvolver produtos que facilitam cada vez mais as práticas de alisamento, fazendo com os cabelos percam totalmente sua forma original crespa, para se tornarem lisos artificiais. Conforme HOOKS (2005), “o alisamento é um processo no qual as mulheres negras mudam sua aparência para imitar a aparência dos brancos, é um desejo de triunfar no mundo dos brancos.” Diante dessas afirmações, podendo observar o cabelo do negro como um símbolo para opressão, em especial o das mulheres negras, que são obrigadas a seguirem um padrão de beleza em uma sociedade permeada pelo patriarcado.

O povo negro vem carregado de simbologias, e utiliza desses símbolos para resistir ao racismo opressor.

Nosso corpo e seus ícones identitários possuem uma extensão significativa que vai além das questões biológicas de cada indivíduo; o corpo possui um aditivo semiótico que nos permite investigar suas representações e motivações simbólicas. (FABRINI, 2014, p. 1).

O corpo carrega diversos significados, e para diversas culturas africanas a cabeça possui um lugar de destaque no corpo, onde abrigaria toda sua espiritualidade.

Todas as práticas renovadoras do axé são centralizadas na cabeça. Também nela estão determinados os locais que remetem os princípios geradores e ancestrais. A cabeça é mimese do mundo simbolizado, onde estão os elementos da natureza e, depois de fixados, os princípios geradores de axé do corpo individual que, conjugado com o eu coletivo do terreiro, ampliarão cada vez mais os vínculos sagrados, éticos, morais sociais e culturais do indivíduo com o grupo. (LODY, 2004, Apud CLEMENTE, 2010, p. 7).

O cabelo faz parte dessa espiritualidade carregada na cabeça. Utilizar o corpo como porta voz do que gostaria de dizer é um ato de resistência. “Esteticamente seu corpo mostra as coisas nas quais você acredita, bem como seu posicionamento político.” (FABRINI, 2014, p.4). O corpo carrega seus traços identitários, e é um instrumento de fazer política. Portanto, para afirmar a identidade é necessário um símbolo.

O cabelo, em especial da mulher negra, merece destaque nessa simbologia da afirmação da identidade. O cabelo crespo é uma marca identitária dos negros, e as mulheres sentem mais essa marca, pois não se sentem mulheres se os rasparem como fazem os homens negros para esconder o crespo, se rasparem perderão sua feminilidade. Com o processo de miscigenação “mais do que a cor da pele, o cabelo era o elemento que evidenciava o pertencimento étnico” (FABRINI, 2014, p. 4).

As pessoas nascem com a cor da pele clara devido às relações inter-raciais, porém, o cabelo permanece crespo evidenciando que esta pessoa é negra. E além do mais, o cabelo é passível de modificação por meio de processos químicos, já a cor da pele apesar de existirem relatos de pessoas que fizeram tratamento estético

para embranquecer, ainda não foi provada cientificamente que é possível um negro virar branco.

No atual sistema de classificação racial brasileiro, determinadas formas de manipular o cabelo possibilitam aos mestiços que se identifiquem enquanto negros ou fujam desse tipo de identificação. Se os cabelos crespos podem dar destaque à identidade negra, rejeitar esse componente é negar o próprio corpo, é camuflar o pertencimento étnico. (FABRINI, 2014, p. 5).

O negro carrega diversas marcas, uma dessas é a marca da escravidão, passando pela pobreza e a violência. Alisar o cabelo seria uma forma de diminuir essas marcas, ou seja, “mudar a textura do cabelo implica simbolicamente a possibilidade de embranquecer”. (FABRINI 2014, p. 5). Como se mudar o cabelo estivesse atrelado a mudar de *status* social, parecendo menos “preto” é possível parecer menos pobre.

Mas porque falar tanto de cabelo e não de outras questões relacionadas ao povo negro? Como mencionado anteriormente na cultura do negro se utiliza simbologias para expressar ideias, e o corpo é carregado de simbologias, sendo o cabelo um dos maiores símbolos da identidade negra, (FABRINI, 2014, p. 5) diz que “a identidade do negro atravessa antes o corpo e depois do corpo é que se estende pra cultura, história, religião, etc.”.

Já entendemos que o cabelo é o maior símbolo que um negro tem para afirmar a sua identidade. Assim, podemos destacar algumas formas de ostentar os cabelos de negros, como o *dread* de origem tão antiga que não se sabe precisar a quanto tempo ele existe. Há, entretanto, relatos de que era utilizado em algumas regiões da África como uma forma de facilitar e reduzir o volume dos cabelos. Esse estilo foi adotado pela filosofia *Rastafari* e esbanja estilo até hoje na cabeça de muitos militantes por aí. Também temos a trança que é usada principalmente em mulheres e que possui um significado histórico transmitido de geração em geração. Temos o clássico cabelo *black* muito utilizado nos anos 70 em todo o mundo por influencia do próprio movimento *Black Power*. Este estilo de cabelo utilizava um pente garfo para ajeitá-lo, objeto este que também é carregado como símbolo por militantes atuais. Além destes, tem-se ainda, o famoso turbante que não é exclusivo da cultura africana, mas de diversos países do oriente médio. Ao frequentar os

espaços de militância observam-se inúmeras pessoas entre homens e mulheres utilizando o turbante nas mais diversas formas e estilos.

2.4 A mulher negra nos espaços políticos

Algumas sociedades africanas teriam tradição matriarcal, depositando na figura feminina a força espiritual de um determinado povo. Apesar de a história ser contada por homens e brancos, a mulher negra possui grande participação nas histórias de luta pela emancipação, atuando com astúcia nas formas de resistência ao trabalho compulsório, e agiam na proteção da integridade de suas famílias. Uma das práticas comuns era o aborto a fim de evitar que o filho fosse vendido como escravo. As mulheres negras geralmente atuavam no trabalho doméstico, tendo mais acesso a informações que pudessem favorecer fugas e rebeliões.

Num mundo cercado de opressão, construíam ambientes de autoestima e se tornavam decisivas, por exemplo para possibilitar fugas ou obter informações a respeito de vendas e transferências indesejáveis. Providenciando suprimentos, muitas delas prestavam auxílio providencial aos escravos em fuga ou aqueles interessados em escapar. Ajudando a manter a integridade dos arranjos familiares, assim como a riqueza e a originalidade da cultura forjada em torno deles, elas foram os primeiros agentes da emancipação das comunidades afrodescendentes na diáspora. (PAIXÃO, GOMES, 2008, p. 951).

Apesar da opressão em que estão inseridas as mulheres negras, é possível destacar fatos históricos e atuais de resistência a esse sistema de supremacia branca. Como exemplo o Movimento *Black Power* ocorrido nos anos 60 e 70 nos Estados Unidos, liderado pelo *Parth Black Panther* (Partido Panteras Negras), foi um movimento em defesa do povo negro na época do *Apartheid*, onde se tinha como símbolo principal o cabelo *black power*, que era o maior símbolo da negritude e da herança africana.

Durante os anos 1960, os negros que trabalhavam ativamente para criticar, desafiar e alterar o racismo branco sinalizavam a obsessão dos negros com o cabelo liso como um reflexo da mentalidade colonizada. Foi nesse momento em que os penteados afros, principalmente o *black*, entraram na moda como um símbolo de resistência cultural à opressão racista e fora considerado uma

celebração da condição do negro (a). Os penteados naturais eram associados à militância política. Muitos (as) jovens negros (as), quando pararam de alisar o cabelo, perceberam o valor político atribuído ao cabelo alisado como sinal de reverência e conformidade frente às expectativas da sociedade. (HOOKS, 2005, p. 3).

Faz-se necessário enfatizar que o movimento inicialmente não possibilitava a participação de mulheres devido ao uso de armas e ao ideário machista de inferioridade sexual, porém há relatos de que um grupo de mulheres compareceu a sede do partido para exigir a inserção delas no movimento, já que também eram negras e sofriam o mesmo racismo que os homens negros. O Movimento *Black Power* perdeu força com o avanço capitalista. Ainda assim, podemos observar a mesma resistência política atribuída ao cabelo crespo, nos movimentos brasileiros atuais. Como afirma Gomes (2002, p. 8), “o cabelo crespo, visto socialmente como estigma é transformado, não sem contradições, em símbolo de orgulho e afirmação étnico/racial.” O ato estético político representado no uso do cabelo crespo, seja *black power*, *dread look*, tranças ou até nos turbantes, pode ser visto com frequência nos espaços de militância da periferia, em espaços que resgatam as expressões culturais vindas da África, além de diversos coletivos organizados em sua maioria nas redes sociais que publicam diariamente questões relacionadas a consciência negra.

Diante de uma identidade anulada durante séculos, pelo violento sistema escravista, e pela política de embranquecimento do país, se torna difícil o negro resgatar sua história e sua identidade. Mas se ontem o negro resistiu com os quilombos hoje ele resiste com o corpo, com as representações simbólicas que denunciam sua ancestralidade. E se ontem, as mulheres negras permaneceram escondidas, hoje são elas quem mais ostentam os símbolos da identidade negra por meio do cabelo, da vestimenta, a dança, etc.

Faz-se necessário destacar figuras como Ângela Davis que foi militante negra nos Estados Unidos na época dos direitos civis, e atuou no *Black Panthers*, vista como uma inimiga perigosa do estado americano, compondo a lista de criminosos mais procurados pelo FBI, acusada injustamente do assassinato de um juiz. Ângela Davis ostentava um cabelo *black* espetacular como símbolo de sua identidade e rebeldia, e defendia o Marxismo como forma de transforma o mundo.

Lélia Gonzalez, importante intelectual negra, figura de grande destaque entre o movimento negro, é um grande exemplo de afirmação de identidade, pois Lélia inseriu-se no mundo dos brancos, e depois de se aproximar da militância negra deixou de alisar os cabelos e frequentar os eventos da classe média, se tornando uma grande escritora e militante política negra.

Podemos ainda destacar alguns movimentos e coletivos de mulheres negras, como o Geledés (Instituto da Mulher Negra), liderado por uma importante figura negra chamada Sueli Carneiro autora de livros e ideologias do feminismo negro.

Se a história oficial contada por homens e brancos tende a mascarar o protagonismo do negro na luta por sua libertação, se o protagonismo for de mulheres negras essa ocultação é ainda mais evidente. Não se fala de mulheres negras quando se narra as revoltas escravas. A referência de Dandara é apenas como esposa de Zumbi, mas sabemos que houve mais participação, só não foi relatado por quem foi incumbido de contar a história.

Todas as mulheres aqui citadas e participantes dos coletivos citados tendem naturalmente a liberar os cabelos crespos como símbolos de afirmação de suas identidades, é o maior símbolo que uma mulher negra pode ostentar. Afinal a mulher seja ela branca ou negra, em uma sociedade sexista ela sempre vai ser atacada em sua autoestima e vaidade, por isso que carregar esse símbolo é tão importante para uma militante seja do segmento negro ou não.

Figura 4 - Ato Estético Político



Fonte: socalormesmo.wordpress.com – acesso em: 06/05/2015

CAPITULO III

3 SERVIÇO SOCIAL: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

O Serviço Social tem sua origem no trabalho meramente assistencial das conhecidas damas de caridade, geralmente esposas ou filhas de políticos. Até se tornar a profissão que é hoje, passou por diversas modificações chegando a ser um Serviço Social de controle das classes subalternas. Mas após passar pelo movimento de reconceituação o Serviço Social se desenvolveu para uma profissão libertadora: a marxista.

A origem da profissão está intimamente ligada ao desenvolvimento da sociedade, o período pós-escravidão foi cenário da desigualdade social, onde o trabalho deixava de ser escravo para se tornar assalariado atendendo as demandas do capital e iniciando uma nova forma de exploração do trabalho na era industrial com jornadas abusivas de trabalho. Surgem então as reivindicações dos trabalhadores descontentes com o novo tipo de exploração. Daí que se inserem os primeiros esboços do que chega a ser o Serviço Social hoje. Como relata Iamamoto e Carvalho (2011 p. 135) “surge da iniciativa particular de grupos e frações de classe, que se manifestam, principalmente, por intermédio da Igreja Católica”. No entanto esse serviço ainda não é uma profissão nessa época, e possui muitas ideias conservadoras da igreja católica vindas das ideologias de São Tomás de Aquino.

Mas o Serviço Social sofreu diversas modificações ao longo de sua trajetória, quando a igreja católica por iniciativa de leigos passou por um movimento de revolucionário chamado Ação Católica que demonstrava interesse social de cunho religioso, o Serviço Social também acompanhou essa mudança. As primeiras escolas de Serviço Social surgiram em 1936 em São Paulo sendo essa a PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica) e no ano de 1937 no Rio de Janeiro. O Serviço Social só foi regulamentado como profissão em 1957 com a lei 3552. A partir desse momento o caráter religioso mesmo que político foi se tornando menor, e o Serviço Social passou pelo Movimento de Reconceituação na década de 60 combinando com as lutas contra a ditadura e realizando a ruptura com o conservadorismo.

Hoje o Serviço Social segue uma linha Marxista de crítica a luta de classes e as relações de trabalho. O que torna essa profissão também um espaço de militância.

3. 1 A relação entre o Serviço social e a questão étnico racial.

De acordo com o Código de Ética profissional, é dever do Assistente Social:

VI: Empenho na eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças; (Código de Ética do Assistente Social - Lei 8.662/93 de Regulamentação da Profissão).

O Código de Ética Profissional, aprovado em 1993, traz a orientação da não discriminação como um de seus princípios fundamentais. Isso nos remete a uma reflexão acerca da importância ao respeito e a dignidade humana preconizados no projeto ético-político a partir dos anos 1990, fortalecendo as matrizes para o desenvolvimento de um debate sobre a questão étnico/racial no cotidiano do assistente social.

Contudo, apesar das crescentes reivindicações em defesa de uma ressignificação da questão racial no Brasil, a contribuição da profissão na produção do conhecimento acerca dessa temática ainda permanece tímida, o que pôde ser previamente detectado a partir do levantamento bibliográfico realizado. Observou-se que esta temática, embora recorrente nas áreas do Serviço Social, nota-se que a profissão pouco se apropriou seja por seu passado conservador ainda se manter presente em alguns espaços profissionais, ou porque a questão étnica racial, a questão de gênero, dentre outras, são colocadas como problemas secundários pelos estudos relacionados ao Serviço Social.

Devemos nos ater ao fato de que a atuação do assistente social neste segmento está atrelada a sua formação acadêmica, visto que existe uma lacuna no que se refere ao trato das questões específicas da população negra. Nesse sentido, Rocha (2009) avalia que:

O impacto da pouca reflexão acerca da temática racial no processo de formação certamente será sentido no exercício da prática profissional. Diante do quadro de grande desigualdade social de nosso país, em que está subjacente a discriminação racial, o profissional que foi educado no seio de uma sociedade cuja cultura, ainda hegemônica, é a do mito da democracia racial e que não obteve no período de sua formação instrumentos de análise crítica das relações raciais constituintes do seu país, poderá ter dificuldade em intervir de forma competente e comprometida com a restituição de direitos violados da população historicamente discriminada por condição étnico-racial (ROCHA, 2009, p. 544).

Entendemos que o racismo é uma expressão da questão social e desse modo estamos diante de diversos desafios a serem enfrentados, sendo o primeiro deles, o reconhecimento da importância da discussão racial para o Serviço Social e sequencialmente o desenvolvimento de ações que efetivem a desconstrução dos estereótipos.

Segundo AMARO (2005, p. 67) “nem sempre o trajeto da discriminação e exclusão que arrasta os negros à assistência é conhecida pelos atores institucionais, responsáveis pelo seu atendimento”.

Compreender o cabelo crespo como símbolo de resistência ao padrão eurocêntrico, também é compreender o processo de emancipação do sujeito. É sabido que majoritariamente o público atendido pelo Serviço Social é negro ou mestiço e sendo o Assistente Social também responsável por orientar os usuários a buscarem suas origens para entenderem e acessarem seus direitos.

Dentre as desigualdades vivenciadas pela população brasileira, o Serviço Social atua nas desigualdades concretas vivenciadas pela população negra, estas que estão permeadas de complexidades. A apropriação da abordagem étnico-racial pelo Serviço Social é elemento essencial para a análise das intervenções no cotidiano profissional, seja na prática educativa, metodológica, política, ética, além de ser efetivo instrumento de combate ao racismo. (SBPCNET, 2010, s/p).

A baixa autoestima da mulher negra mais do que no homem negro, pode estar relacionada à negação dos traços físicos de sua identidade. Se esta carrega essa auto discriminação dificilmente esta encontrará forças para lutar por seus direitos. No entanto, se o profissional de Serviço Social

consegue mostrar para a sua usuária o quanto sua história vem carregada de negação da identidade, e o quanto o processo histórico do negro está atrelada a sua condição de pauperidade, é esperado que se reconheça e passe a lutar por seus direitos, e ainda mais importante, por uma dívida social que o Brasil tem com seus antepassados, e com ela própria. É um tanto utópico, pensar o reconhecimento da identidade negra, como forma de emancipação, mas o Serviço Social também carrega essa responsabilidade em suas atribuições.

Além disso, sabemos que há violência racista desde a escravidão até os dias de hoje. No entanto essa violência hoje é simbólica, e mascarada por uma falsa democracia racial.

Sempre ponderamos a violência em seu sentido físico, mas o dominador também coage de forma psíquica. A situação criada pela violência simbólica leva o indivíduo a se sentir inferiorizado, por não corresponder a lógica imposta pelo discurso dominante. (FABRINI, 2014, p. 4).

Desta forma acreditamos que onde há violação dos direitos cabe a atuação do Assistente Social. Considerando a padronização do estereótipo como sendo o branco, é uma violência simbólica com o intuito de dizimar o povo negro do país, esta é também uma expressão da questão social.

A violência do branco é exercida, antes de mais nada, pela impiedosa tendência a destruir a identidade do sujeito. Este através da internalização compulsória e brutal de um ideal do Ego branco é obrigado a formular para si um projeto indetificatório incompatível com as propriedades biológicas do seu corpo. (COSTA, 1984, p. 2)

Se o negro precisa se reconhecer em quanto negro para se tornar um cidadão de direitos e se emancipar das ideias alienadas, sendo assim não seria tarefa do Serviço Social trabalhar pelo reconhecimento da identidade negra no indivíduo? Já que este processo de reconhecimento faria parte da emancipação do sujeito?

A padronização da beleza como sendo somente belo o que advém do branco europeu, é uma violência simbólica. Para quebrar essas amarras, é preciso

descolonizar o pensamento. E trabalhar ativamente para que a dívida social com o povo negro seja paga aos seus descendentes.

Vale destacar que algumas políticas sociais voltadas ao segmento negro, são as ações afirmativas. “Um conjunto de ações privadas e/ ou políticas públicas que tem como objetivo reparar aspectos discriminatórios que impedem o acesso de pessoas pertencentes a diversos grupos sociais às mais diferentes oportunidades”. (IBASE, 2005).

As cotas raciais podem ser entendidas como uma política afirmativa, pois vem com o objetivo de reparar o dano sofrido pelos negros pelo atraso em sua educação, por anos de sistema escravista. Por outro lado,

[...] qualquer política que, operando com o critério de discriminação positiva, vise favorecer grupos socialmente discriminados por motivo de sua raça, religião, sexo e etnia e que, em decorrência disto experimentam uma situação desfavorável em relação aos outros grupos sociais. (AMARO, 2005, p. 74).

Além das cotas, vale lembrar que a lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que prevê o ensino da cultura e história afro nas escolas continua somente no papel. Essa lei certamente provocaria mudanças drásticas no reconhecimento do povo negro, e no racismo existente nos dias atuais. Caso aprovada a lei que prevê a contratação de assistente sociais nas escolas, não seria também dever do assistente social trabalhar para o cumprimento desta?

O reconhecimento da presença desses elementos no universo escolar, por si só, não constitui uma justificativa para a inserção dos assistentes sociais nesta área. Sua inserção deve expressar uma das estratégias de enfrentamento desta realidade na medida em que represente uma lógica mais ampla de organização do trabalho coletivo na esfera da política educacional, seja no interior das suas unidades educacionais, das suas unidades gerenciais ou em articulação com outras políticas setoriais. (...) O que parece ser central aqui é que já vem sendo observado pelos profissionais da área de educação é que o professor não vem conseguindo dar conta, sozinho, desses problemas e que o processo de enfrentamento dessa complexa realidade não é de competência exclusiva de nenhum profissional (ALMEIDA, 2009, p. 8).

Mesmo diante de falhas nas políticas afirmativas é possível ver avanços, e buscar respaldo na legislação brasileira. É sabido que a discriminação por cor ou raça é crime previsto em lei⁶. Um detalhe importante para reafirmar que a questão étnica racial está atrelada a prática profissional, é a existência do Centro de combate ao racismo localizado na Cidade de São Paulo que conta com o profissional de Serviço Social no atendimento a pessoas vítimas de discriminação racial. Considera-se um grande avanço para a prática profissional que até então tem demonstrado pouco envolvimento com a questão.

⁶ **LEI Nº 12.288, DE 20 DE JULHO DE 2010.** Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nºs 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003.

CAPITULO IV

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de pesquisa qualitativa que se propôs a responder a questões muito particulares, pois visava um nível de realidade que não podia ser quantificado. Esse tipo de pesquisa abordou que há,

“[...] um universo de significados, motivos, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das realizações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 1994, p. 21-22).

A pesquisa (qualitativa) possibilita uma compreensão sobre o que os sujeitos pensam acerca da temática que está sendo pesquisada. Desse modo, a visão do pesquisador em relação ao problema terá outra perspectiva analítica, considerando que na pesquisa qualitativa segundo Martinelli (1999, p. 22), “[...] trabalhamos com os fatos de forma a poder aprofundar tanto quanto possível a análise, e não para conhecê-los de uma forma sumária, a partir de uma primeira apresentação”. Sendo assim escolhemos a abordagem de pesquisa qualitativa, pois vislumbramos a possibilidade de entender a subjetividade existente nas histórias de vidas contadas, de forma que os relatos deram conta de responder a hipótese levantada no projeto de pesquisa.

A metodologia utilizada para a coleta dos dados tem na sua abordagem a história oral, pois, trata-se de um dos métodos que compõe o campo mais amplo da pesquisa qualitativa, constituindo-se como um dos instrumentos fundamentais das ciências humanas. Para Rojas (1999, p. 89 In. Martinelli), “[...] o relato oral é o mais antigo registro de informações e conservação do saber e a narrativa do sujeito é uma explicitação ou interpretação do próprio narrador, é a interpretação que faz da sua própria vida”.

Desse modo, entrevistamos mulheres negras que passaram pelo processo de transição dos cabelos quimicamente alisados para crespos, a fim de captar e

compreender o “indizível” ⁷ nos relatos orais, visando entender como esse processo contribuiu para que elas se reconhecessem enquanto mulheres negras, que afirmam sua identidade e origem, e como essa afirmação pode ser entendida como um caminho para o empoderamento do sujeito a partir de um reconhecimento do contexto em que se está inserido.

A história de vida é uma etapa da pesquisa, é uma técnica de pesquisa e não pode ser confundida com os dados. É uma técnica que permite recuperar valores, comportamentos não qualificáveis. A história de vida reflete o comportamento do indivíduo dentro de uma coletividade onde está inserido o narrador. (ROJAS, 1999, p. 92-93).

Utilizando a história oral como método de pesquisa, foi possível problematizar o quão complexo é a questão étnica racial no Brasil, e, como esta é pouco debatida no Serviço Social. Buscamos entender ainda, qual a importância para uma mulher negra assumir seu cabelo da forma natural como este se apresenta, além de outros símbolos da estética negra que foram e ainda são marginalizados e vistos com discriminação.

As mulheres entrevistadas foram eleitas de forma aleatória, tendo em vista que não fazem parte de uma instituição específica, porém, são participantes de movimentos sociais e coletivos conhecidos pela pesquisadora.

A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas semi estruturadas, que se trata de um instrumento que segundo Lakatos e Marconi (2001, p. 197), “[...] se desenvolve a partir de um roteiro básico, onde é possível fazer perguntas abertas dando mais liberdade as entrevistadas, e compreendendo a subjetividade do assunto abordado”.

As entrevistadas receberam a Carta de informação ao sujeito de pesquisa contendo informações a respeito do objetivo da pesquisa, e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Deixando claro que estas não são

⁷ Segundo Queiroz (1987, apud ROJAS, 1999, p. 87), o indizível nos relatos orais é o não-explicito das vivências dos indivíduos que vivem em um meio social determinado. É um conjunto de vivências, emoções e experiências das pessoas que não está nos documentos e que tem um conteúdo e um valor estimável na transmissão, conservação e difusão dos conhecimentos.

obrigadas a responderem todas as perguntas, visto que entendemos que se trata de um assunto delicado para se falar abertamente. As entrevistas aconteceram em locais definidos entre pesquisadora e sujeitos de pesquisa, recorrendo do gravador para registrar os depoimentos para posterior transcrição.

Foram entrevistadas, cinco mulheres negras, com idade entre 18 e 40 anos, participantes de coletivos independentes que militam na construção da afirmação da identidade e cultura negra, ou outros movimentos que não fossem necessariamente do segmento negro. Tal condição se fez necessária para responder a hipótese levantada no projeto de pesquisa, que seria entender qual a relação do cabelo crespo e outras simbologias da estética negra com a inserção dessas mulheres nos movimentos sociais. Os contatos foram realizados por meio da rede social *Facebook*, sendo apresentada a finalidade da pesquisa, e o Termo de Consentimento Livre e esclarecido. Durante os contatos foi realizada uma breve conversa sobre a temática a fim de confirmar se o sujeito contatado se encaixava no perfil exigido pela pesquisadora, bem como, os locais das entrevistas foram decididos entre pesquisadora e entrevistada conforme disponibilidade de ambas. A temática foi bem recebida pelas entrevistadas, que se mostraram interessadas em discutir tal assunto.

A fim de subsidiar e estruturar teoricamente a construção da presente pesquisa realizou-se o levantamento bibliográfico e documental sobre a temática: A afirmação da identidade da mulher negra como processo de emancipação social, pois,

A finalidade da pesquisa bibliográfica é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas. (MARCONI e LAKATOS, 2001 p. 183).

De maneira que a pesquisa bibliográfica é capaz de fundamentar teoricamente e cientificamente o tema proposto, as questões levantadas, além de trazer o contexto histórico da temática.

Sendo assim, a pesquisa é composta de atributos científicos e empíricos, de forma que responda as expectativas da pesquisa e do projeto ético político do Serviço Social.

4.1 O problema, a hipótese e os objetivos

Esta pesquisa teve como problematização o seguinte questionamento: Por que uma sociedade em que sua população é majoritariamente afrodescendente, persiste em impor padrões de beleza europeus? Tendo como foco principal a modificação de cabelos crespos por meio de processos químicos de alisamentos, devido a esse tipo de cabelo ser considerado um cabelo ruim?

Diante do problema apresentado formulou-se enquanto hipótese de que ao se desconstruir a ideia de que precisa passar por processos químicos de alisamento nos cabelos para ser socialmente aceita e considerada bonita, a mulher negra passa por um processo que é emancipatório, e que resgata a sua identidade racial, o que faz do ato de assumir um cabelo *Black Power / Dread Look* ou o simplesmente crespo, mais que uma elevação de autoestima, por trata-se de um ato estético político que busca a afirmação de sua identidade enquanto mulher negra.

Para o objetivo geral deliberou-se por conhecer a trajetória de mulheres negras participantes de coletivos das periferias da Zona Sul e Zona Leste de São Paulo, que assumem o cabelo crespo como símbolo de um ato estético-político.

Dos objetivos específicos definiu-se por;

- Entrevistar quatro mulheres da raça negra na faixa etária entre 20 a 40 anos de idade, que participam de movimentos sociais na cidade de São Paulo.
- Compreender a importância da identidade negra e a luta pela emancipação política nos movimentos sociais;
- Analisar o processo de modificação dos cabelos enquanto resgate histórico, cultural estético-político do povo negro;
- Verificar se a emancipação das mulheres negras se dá através do ato de assumir o cabelo crespo, como um símbolo de suas identidades;

4.2 Os sujeitos da pesquisa

Para dar vida ao tema proposto, elegemos sujeitos que pudessem narrar a história do seu cabelo, para compreender o significado do que foi esse cabelo na

infância e juventude, e o que representa hoje. Para isso escolhemos mulheres que tenham passado por modificações químicas, ou meio de “chapinha” nos cabelos, e que ao se inserir em algum movimento social seja do segmento negro ou não, resolveram abdicar desses procedimentos por este não condizer com a condição de emancipação na qual se encontravam.

No decorrer das entrevistas percebemos que algumas mulheres alegaram que se reconheciam como morenas ou mulatas e hoje se reconhecem como negras. O conhecimento adquirido por intermédio da militância foi fundamental nesse reconhecimento. Portanto conhecer a história para compreender o sistema capitalista, e toda a opressão em que o povo negro foi submetido é imprescindível para um processo de emancipação.

Respeitando o sigilo da pesquisa, seus nomes não foram mencionados neste trabalho, sendo assim para identificá-las denominamos cada uma com o nome de ativistas negras que se destacaram na luta pela emancipação do povo negro.

Lélia Gonzalez: Lélia de Almeida nasceu em primeiro de fevereiro de 1935 em Belo Horizonte - MG. Ainda criança migrou com a extensa família para o Rio de Janeiro, então capital do país, sob a proteção financeira do irmão mais velho, Jorge, jogador do time do Flamengo. Fez duas graduações na Universidade da Guanabara e tornou-se professora secundária, posteriormente seguiu a carreira docente, ocupando cadeiras em importantes estabelecimentos de ensino superior fluminenses, a exemplo da PUC/Rio e UERJ. Como estudante e professora, experimentou a ascensão social via formas expressas de embranquecimento: realizou um casamento inter-racial, do qual vem o sobrenome Gonzale.

Angela Davis: Ângela Yvonne Davis é natural do estado do Alabama, considerado um dos mais racistas do sul dos Estados Unidos e, de acordo com a sua autobiografia, desde criança sofreu na pele humilhações racistas. Leitora voraz desde criança, aos 14 ganhou uma bolsa para estudar em *Greenwich Village*, em Nova Iorque, fato que transformaria a sua vida, pois é neste momento que ela entra em contato com as teses comunistas e inicia a sua militância no movimento estudantil. Ainda nos idos de 1960, Davis tornou-se militante ativa do Partido Comunista e das Panteras Negras, que à época lutava para conquistar o apoio da sociedade para libertar três militantes negros que estavam presos

Dandara: Foi uma guerreira negra do período colonial do Brasil, esposa de Zumbi dos Palmares e mãe de seus três filhos. Suicidou-se (jogou-se de uma pedreira ao abismo) depois de presa, em 6 de fevereiro de 1694, para não retornar à condição de escrava. Sua figura é envolta em grande mistério, pois quase não existem dados sobre sua vida e/ou atos. Praticamente todos os relatos que se referem a ela são esparsos e desconexos, com características de lendas. O único dado comprovado de que se dispõe sobre ela são os nomes dos seus filhos, que eram Motumbo, Harmódio e Aristóiton.

Luísa Mahin: A primeira descrição de Luíza Mahin de que se tem notícia consta de uma carta escrita pelo poeta Luiz Gama, em 25 de julho de 1880. Luiz descrevia a própria mãe como uma africana livre, de baixa estatura, magra, bonita, preta retinta com dentes alvos, altiva, geniosa e nagô (como os africanos de origem **I**orubá eram chamados na Bahia colonial). Ainda de acordo com os escritos do poeta abolicionista, Luíza deve ter nascido por volta de 1812, no antigo *Daomé* (*Benin*), Costa da Mina, um dos portos que viveram intenso tráfico negreiro entre os séculos **XVI** e **XIX**. Chegou à Bahia como escrava, mas na África, era uma princesa.

Carolina Maria de Jesus: Carolina Maria de Jesus nasceu a 14 de Março de 1914 em Sacramento, Estado de Minas Gerais, cidade onde viveu sua infância e adolescência. Foi filha de negros que, provavelmente, migraram do Desemboque para Sacramento quando da mudança da economia da extração de ouro para as atividades agro-pecuárias. Descoberta pelo jornalista Audálio Dantas, repórter da Folha da Noite, Carolina teve suas anotações publicadas em 1960 no livro *Quarto de Despejo*, que vendeu mais de cem mil exemplares. Mesmo diante todas as mazelas, perdas e discriminações que sofreu em Sacramento, por ser negra e pobre Carolina revela através de sua escritura a importância do testemunho como meio de denúncia sócio-política de uma cultura hegemônica que exclui aqueles que lhe são alteridade.

4.3 As categorias de análises eleitas

Do ponto de vista das categorias elegemos para análise...

- a representação do cabelo na infância e juventude
- a importância da identidade negra nas suas vidas
- o cabelo crespo enquanto símbolo da identidade negra
- a participação nos movimentos sociais
- a luta pela emancipação
- a visão sobre racismo e preconceito

4.4 Análises dos resultados da pesquisa

Do ponto de vista em relação à representação dos cabelos no período da infância e juventude as entrevistadas narraram as seguintes questões:

Eu fazia desde o seis, sete anos a gente passava *Welachic*, que era aqueles que era menos agressivo, e você entende aquilo como natural porque é sua mãe que tá passando em você, quem melhor do que sua mãe pra dizer o que é bom. [...] é um processo que você cresce aprendendo que seu cabelo não é bom do jeito que é então assim, você acaba nem conhecendo o seu próprio cabelo. [...] E foi assim eu cresci com o cabelo preso, cresci passando produto químico, adolescente sempre odiei meu cabelo, sempre deixei preso,

quando as vezes eu lavava e molhava eu deixava solto na hora, mas secou já prendia, cabelos molhados pingando, porque se ta seco é problema, a gente não aceitava o cabelo crespo seco, era sempre molhado cheio de creme, “emperebado”, gosmento até eu falo como a gente conseguia fazer isso? E foi esse processo, eu acho que eu demorei muito, depois de um tempo a gente começava a se autojustificar. [...] Aí quando eu tinha uns 17 anos eu disse: não vou fazer mais, e fiquei um tempão sem fazer, aí cortei, foi a época em que eu achei que ficou muito curto, fiquei super deprimida porque meu cabelo era cacheado e não crescia, eu gostava dele comprido, aí lá fui eu relaxar de novo com a desculpa de que é pra descer os cachos. [...] Era “zuada” na escola pelo cabelo, eu e muitas outras meninas, e na época a gente não tinha muita dimensão do que era racismo né, a gente pensa que não, mas é racismo com certeza, sempre as meninas negras... Eu ainda acho que eu tinha um cabelo comprido e fazia cachos, eu acho que ainda não tinha tanto quanto as negras que é liso que não cacheia, as negras que tinham um cabelo liso assim que não *canecalon*⁸, faziam trança, nossa elas sofriam muito, e era muito explicito assim, mas você é criança também, você se anula, você não participa, mas também não defende, a gente não sabe muito bem como lidar. [...] Eu acho que de tanto ouvir dos outros acaba vindo pra você né, eu desde pequena, minha mãe sempre passou, então você vê aquilo como natural **(Lélia Gonzalez, 28 anos, jornalista)**.

Então, quando criança com essa questão de, é, de pentear o cabelo, pra você pentear o cabelo tem que ter o pente certo né, querendo ou não. Então assim, minha mãe penteava meu cabelo e puxava, fazia trança e pra pentear o cabelo crespo puxa, então doía, então o que eu fazia quando era eu criança, eu pegava e cortava o cabelo né, tipo cortava e querendo ou não né por ver o cabelo liso, as outras meninas, então eu cortava o cabelo pra ter franja, só que a franja não ficava, porque? Cabelo crespo. Aí minha mãe foi lá e cortou meu cabelo, cortou estilo Joãozinho, nessa época eu não lembro se eu era “zuada”, mas eu acho que eu não era “zuada”. [...] tinha aquele tal de *Liss*, se passava no cabelo, o cabelo queimava e ficava aquele cabelo lambido, quando eu era criança eu cheguei a passar na frente do cabelo, e eu achava super bacana. [...] eu achava bonito aquilo né, as minhas tias, na verdade todo mundo em volta tinha o cabelo alisado, então eu também queria alisar o cabelo, até começar a alisar eu já tinha uns 12 anos. [...] às vezes eu não gostava de pentear porque dava trabalho, ou então quando a minha mãe penteava doía. [...] acho que teve na parte da escola né, quando é criança né, na fase dos seis sete anos, quando você fica lá na fila da escola, se faz uma filinha de meninos e meninas, e geralmente, e quando é aquela época de quadrilha aí você tem que ficar com um menininho, pra dançar quadrilha e você nunca encontra um par, então querendo ou não eu acho que isso é um trauma né, porque os meninos eles já crescem com essa questão de ah tem que ficar com uma menina de cabelo liso, porque se eu não me engano nessa época aí, como a minha mãe cortou meu cabelo então eu tinha cabelo Joãozinho, então os meninos acabavam vendo que eu ah é menino, porque ta com cabelo cortado e é crespo, então eu acho que o maior trauma foi mais quando criança mesmo né, mas na faixa de uns oito, nove, dez anos, por você querer usar o cabelo, liso né, mas você tem o cabelo crespo então, aí já acontece da mãe cortar o teu cabelo, então você acaba sendo meio chacota da molecada **(Ângela Davis, 28 anos, Estudante de Serviço Social)**

Acho que uns 7 anos, 7 anos, é, porque ela faleceu eu tinha 9 anos então um pouquinho esse tempo, aí depois que ela faleceu aí eu fiquei usando meu cabelo “blackão” assim né, que aí eu já era cuidada pelo meu irmão e pela minha cunhada aí usava ele aquele pente né, a gente passava mais, como eu fui acostumada já com alisamento então eu sentia entendeu, a rejeição dos colegas tal, na escola, no ensino fundamental entendeu, essa, essa discriminação de eu ta usando meu cabelo dessa forma, que aí já tava curto porque nessa época pega piolho, então, aí corta o nosso cabelo baixinho, né, aí eu ficava receosa e aí eu mantive até eu ter uma autonomia pra eu poder alisar novamente. [...] pode ser aquela

⁸ *Canecalon* ou *Kanecalon* são tranças de nylon, feitas com cabelo sintético.

coisa de que normalmente na escola tem, o negro sofre muito preconceito, era chamada pelos meus coleguinhas de macaca, chamada de catarrenta, essas coisas, então, neguinha, sua neguinha tal. **(Dandara, 33 anos, Estudante de Serviço Social)**

Então, eu pequeninha minha mãe sempre fez trança no meu cabelo, então desde que eu me entendo por gente, estar com o cabelo arrumado é estar com trança, o meu cabelo crespo solto, acho que até hoje pra minha mãe é estar bagunçado. [...] eu entrei na primeira escola com seis anos, então até seis anos eu não me incomodava de ter o cabelo crespo, isso não era uma questão que eu me lembre assim, e trancinha pra mim tava tranquilo assim, aí pré você ouve sempre: neguinha do sarava, por conta do cabelo, cabelo de “bombril”, mas também não foi uma grande questão, não me lembro de ter sido uma coisa que me deixasse muito abalada, a questão do cabelo, isso começou a mudar um pouco quando eu tinha já uns 10, 11, 12 anos, isso começou a me incomodar um pouco, mas mesmo nessa época eu queria fazer coisas que deixasse o meu cabelo, acho que aquela transição de que você mesmo começa a cuidar do seu cabelo, e por ouvir sempre: cabelo duro, cabelo difícil, seu cabelo é muito difícil, aí isso começou a pesar no sentido de, eu queria que o meu cabelo fosse um cabelo mais fácil de lidar, e aí assim quando a gente passeava ou era alguma coisa especial, minha mãe ou minha tia, ou uma vizinha, elas passavam aquele ferro que era um ferrinho que você esquenta no fogo, e passa no cabelo, então aquilo queimava a cabeça, aquilo né, e era difícil de fazer, e toda vez que molhou, suou, o bagulho voltava a ser crespo. [...] eu era criança, e eu quis cortar o cabelo porque eu via os meus irmãos homens, pra eles era muito mais fácil cuidar do cabelo, ninguém falava pra eles que o cabelo deles era ruim, ninguém pra eles que o cabelo deles, eu não associei isso ao fato deles serem meninos, eu associei isso ao fato deles terem o cabelo curtinho, e eu achava que se eu cortasse meu cabelo eu ia resolver meus problemas, cortei o cabelo foi pior né, porque aí além de me chamar de cabelo de sarava não sei o que, começaram a me chamar de hominho também né, porque tem isso, menina não pode ter o cabelo curto, e aí já não dava pra amarrar, então o cabelo crespo tava ali, e aí essa foi uma fase mais difícil em que eu comecei a sentir mais problemas, cabelo curto e crespo. **(Luisa Mahin, 31 anos, Geografa).**

Então, com 4 anos pra um casamento, aí foi a única vez que foi alisado, mas na adolescência eu fazia relaxamento né, que equivale, e relaxamento que não propriamente deixava ele liso, mas fazia de tudo pra abaixar o volume. E aí por muito tempo eu não soltava o cabelo, era cheio de presilha, essa coisa de soltar o cabelo demorou bastante assim [...] essa padronização ela é muito nociva né, principalmente pensando em crianças né, que criança assim ela é legal, doce, mas as crianças também elas são perversas né, porque elas... mas assim não é um comportamento natural da criança, é um comportamento construído, as referências que ela vê tanto de professores, dos pais [...] **(Carolina de Jesus, 31 anos, Jornalista e Escritora)**

As narrativas apresentadas demonstram grandes influências da figura materna na manipulação dos cabelos entre as entrevistadas. Isso mostra o quanto cabe a mãe também o papel de cuidar da estética das filhas. Percebe-se ainda que há uma grande pressão social para que meninas negras cuidem do cabelo e apresente-o arrumado. Desta forma, as meninas negras aprendem muito cedo que precisam andar com o cabelo arrumado. Em suas narrativas a questão da dor e

dificuldade em pentear o cabelo, e também aprendem que o cabelo crespo é muito difícil de manusear. Esse termo cabelo difícil deve pesar na cabeça de uma criança, de que cabelo difícil, pode mostrar também, que a sua vida inteira será difícil por conta do cabelo. As meninas começam muito cedo a modificar seus cabelos, quanto mais velhas, mais eram agressivos os métodos utilizados para “discipliná-los”, nos tempos atuais já é possível obter uma variedade de produtos que amenizam os efeitos da química no couro cabeludo.

Também é possível perceber que os problemas com o cabelo crespo e a negritude se iniciam no período escolar, com os apelidos, xingamentos, rejeição. *“Nega do cabelo duro, qual é o pente que te penteia?”* É uma pergunta que grande parcela das meninas negras ouve na escola, e quem pergunta são seus colegas”. (MALACHIAS, 2007, p. 36-37). As crianças certamente aprendem no espaço onde convivem seja em casa, na TV, etc, que o modelo de beleza está em mulheres de pele clara com o cabelo liso, e reproduzem esse estereótipo no convívio escolar, oprimindo principalmente as meninas negras.

Ainda no período da infância é possível observar a tradição do uso da trança nos cabelos, o que também pode ser motivo de frustração para as meninas, pois a trança é um adereço majoritariamente do negro, e diante dos modelos de beleza que lhe são ensinados, ser negro não é ser bonito.

Como o racismo se manifesta cruel sem restrição as crianças negras, nos tempos de escravidão essas crianças eram retiradas de suas mães e dadas como bastardas para servir de escravas. Hoje permanecem refletindo o racismo e a inferiorização de sua etnia. O que faz uma criança cometer atos de racismo contra colegas de escola? Como essas crianças com tão pouco tempo vivido já possuem introjetado em si o desprezo pelo que lhe é diferente? Onde aprendem que uma pessoa de pele escura e cabelo crespo é feia? Diríamos que a própria família deposita o racismo na criança, às vezes inconsciente, mas a criança reproduz e oprime outras crianças negras na escola, sendo o cabelo o principal alvo, e as meninas as principais vítimas.

Diferenciar é uma característica de todos os animais. Também é uma característica humana muito forte e muito importante entre as crianças, mesmo quando são bem pequenas, na idade em que frequentam creches e pré-escolas e começam a conviver com outras

observando que não são todas iguais. Mas como lidar com o exercício humano de diferenciar sem que ele se torne discriminatório? O que fazer quando as crianças se dão conta da diferença entre a cor e a textura do cabelo? Os traços dos rostos, a cor da pele? Como evitar que esse processo se transforme em algo negativo e excludente? Como sugerir que as crianças brinquem com as diferenças no lugar de brigarem em função delas? (MALACHIAS, 2007, p. 02, In. SANTOS).

Na fala da entrevistada Lélia Gonzáles aparece a importância de trabalhar a valorização da cultura negra nas crianças, e ser contra qualquer produto mesmo que infantil que tenha como objetivo alisar o cabelo da criança. O que se precisa na verdade é fazer cumprir a lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que prevê o ensino da cultura e história afro-brasileira nas escolas, para quebrar a corrente do racismo ainda na infância. As crianças precisam entender que essas diferenças não as tornam melhores, nem piores, e que são apenas características diferenciadas, para isso precisam conhecer outras culturas e fugir do que é considerado padrão.

A adolescência também é uma fase em que a estética predomina, por conta dos namoros, paixões, e pelo amadurecimento. Geralmente nessa fase as meninas já fizeram intervenções químicas em seus cabelos para seguirem o padrão de beleza das meninas consideradas as mais populares e bonitas. Além disso, é essa a fase em que elas começam a eleger ídolos (cantores, atores, etc), e na TV e nas revistas elas só observam mulheres de cabelo liso ao lado deles. Os exemplos de beleza que elas veem na mídia são mulheres brancas, e se forem negras, são negras de cabelo alisado, ou colocado de forma mais maleável. Com tão poucos exemplos para se identificarem, é com o outro que a adolescente negra vai sonhar em se parecer. A entrevistada Luisa Mahin conta que o cabelo crespo se tornou um problema para ela no período em que fazia *jazz*, onde aos poucos percebeu que seu cabelo não fazia o coque bonito como as meninas de cabelo liso, e ela decidiu alisar por conta disso.

Com relação à importância da identidade negra nas suas vidas as entrevistadas relataram:

E ai eu acho legal também falar que eu não me considerava negra, eu acho que é uma questão, que quando você é “afrobege”, quando você não é uma coisa nem outra, ai você é o que né? Se você é preta, ok eu sou preta não tem jeito, mas sendo morena todo mundo também te compensa, ai vai lá e fala assim: não, mas alisava o cabelo, você nem é negra,

você é morena, aí é nessa de morena. Eu fui morena até dois anos atrás, eu sempre fui morena, nasci morena [...] eu não tenho identidade negra, eu tenho hoje, hoje eu já me considero, se alguém vier me falar eu sou preta, sou negra, eu posso ser “afrobege” da cor desbotada, mas eu me considero negra, tanto pelo cabelo quanto posição política, quanto resistência, eu acho que é importante reforçar, mas eu não cresci me achando negra, e pra mim era natural ser morena, não era assim: eu estou me negando, não, eu não me considerava mesmo negra. **Lélia Gonzáles, 28 anos, jornalista.**

[...] mas eu na verdade eu sempre me achei negra, mas assim de uma questão, me acho negra, mas me achava excluída, hoje acho que a partir do momento em que eu frequentei a faculdade, e comecei a andar com pessoas né, que eu tive essa questão de reconhecer a minha identidade, eu me vi como negra, mas com direitos né, eu sou negra, mas eu tenho direito de estar num shopping, com pessoas, no JK, coisa assim [...] antes eu me afirmava como negra, mas como negra excluída, hoje eu me afirmo como negra, mas como negra incluída né, dentro da sociedade, então assim eu acho que eu sempre soube que eu era negra, mas eu me sentia de uma forma excluída, porque ah eu tenho o cabelo crespo, porque ah eu sou gorda, eu me sinto feia, hoje não, eu me sinto que eu sou sim, eu sou negra, eu sou gorda, eu posso ser feia, mas eu to incluída na sociedade e eu tenho direitos como qualquer outra pessoa. **Ângela Davis, 28 anos, estudante de Serviço Social.**

Então hoje em dia, é como se eu tivesse vivido naquela época, é tanta a minha admiração, e não é uma coisa de moda, é uma coisa assim, é do íntimo, sabe quando tá adormecido, e de repente ela desperta, e você fala: meu é isso! É isso, eu sou isso, e eu vou fazer o possível pra divulgar, pra preservar, essa cultura, essa identidade. **(Dandara, 33 anos, estudante de Serviço Social).**

[...] com todas as dores e, eu acho que antes muito mais pensando nos pontos negativos, mas eu sempre me identifiquei como sendo uma mulher negra. [...] antes era muito mais negativo isso, que nossa olha como eu sofro muito mais preconceito, nossa olha como a minha vida é muito mais difícil, tudo isso que de fato é, mas poucas referências de puta que mulher negra bacana, como ser mulher negra também é interessante, como ser mulher negra, isso veio mais na vida adulta **(Luisa Mahin, 31 anos, Geógrafa).**

[...] é muito louco né, porque a gente nasce negra, mas se tornar negro é um processo né [...] eu vim me descobrir negra e pensar nessas questões quando eu cheguei em São Paulo, e que eu conheci a cultura hip hop que falava o tempo todo, dessa coisa do pertencimento, e aí você descobre várias coisas, que você pertence a uma classe, que você pertence a um grupo racial né, mas foi muito com o hip hop né, até então essas questões apesar delas aparecerem eu não tinha essa consciência né [...] **(Carolina de Jesus, 31 anos, Jornalista e Escritora).**

A identidade negra é reconquistada na vida dessas mulheres a partir do momento em que elas reconhecem que são negras, e esse é um processo emancipatório, e para ter esse reconhecimento elas precisaram se inserir em movimentos sociais, se inserir no ambiente acadêmico, manter contato com pessoas

que já estavam emancipadas, ou seja, foi necessário que elas tivessem conhecimento sobre a história do seu povo, e todos esses espaços contribuíram para isso.

Tornar-se negra é um processo que demanda diversos conflitos, no entanto as entrevistadas que passaram por esse processo se mostram com autoestima elevadas e muito confiantes em si, tendo sido fortalecido os modos de enfrentamento ao racismo. Assim como relembra Gomes:

Olhar para a África, mais precisamente a África pré-colonial, na tentativa de recuperar valores, referências artísticas, culturais, estéticas através de um resgate da ancestralidade africana. A civilização africana aparece, então, como um mito e traz ao negro brasileiro a possibilidade de ser visto sem a marca da coisificação e da negação, ou seja, de ver-se e ser visto como humano. (GOMES, 2008, p. 143).

Então, poder ter um entendimento de sua ancestralidade, antes da escravidão, pode possibilitar a mulher negra um reconhecimento significativo em sua identidade. Sem conhecer a riqueza das culturas, torna-se difícil se identificar. Mas quando o reconhecimento acontece é lindo de se ver. Embora esse processo de construção da identidade negra tenha variações de acordo com o meio onde se vive, classe social entre outros como afirma GOMES (2008).

Podemos observar ainda que em uma sociedade miscigenada como a nossa se torna difícil identificar-se como negro. Na fala de uma das entrevistadas a mesma se define como “afrobege”, e afirma que não é nem uma coisa nem outra, não conseguia saber se era branca ou se era negra por ter a pele mais clara e o cabelo não tão crespo. Essa é uma grande polemica no Brasil, nos Estados Unidos basta ter o cabelo enrolado ou nariz mais largo para ser considerado negro, mesmo tendo a pele branca, mas no Brasil tudo é mais subjetivo, e isso distancia muitas pessoas da luta racial por não se considerarem negras por terem a pele clara.

É notório também o medo da exclusão ao se afirmar negro, pois dependendo do espaço em que a mulher está inserida não são todos os negros que afirmam a sua negritude, mas também não se afirmam como brancos, e sim como morenos ou mulatos reproduzindo os nomes dados pela sociedade. Mas nas entrevistas observamos que o processo de dar importância a identidade negra vem

acompanhado de um posicionamento político e de classe, pois mesmo sendo negra a mulher se entende no direito de frequentar os espaços “reservados” aos brancos, e não se segregar no meio da luta e frequentar apenas espaços onde tenham pessoas da sua cor, isso é também um ato de coragem e uma evidência de auto estima elevada.

O cabelo crespo enquanto símbolo da identidade negra

[...] eu acho que é uma resistência e eu acho que é necessário, eu tenho que conviver com esse meu cabelo que é assim e pronto né. Ai foi mais uma escolha mesmo, foi uma posição, não vou mais relaxar, vai ficar assim. Eu agora to muito mais feliz. [...] eu tenho que gostar do meu cabelo, que é ai que você vai revelando a história né, você volta atrás e fala: é acho que eu sou negra né, se meu cabelo é crespo. [...] eu acho que eu não teria me reconhecido como negra se eu não tivesse tido essa posição de deixar meu cabelo natural, talvez eu fosse ainda morena. **(Lélia Gonzáles, 28 anos, jornalista).**

[...] eu nunca fui de nenhum grupo do movimento negro, eu sempre fiz muita formação, sempre fui a muitos debates, movimento de sarau, por exemplo, que é um espaço que eu frequento muito, é um movimento que tem bastante empoderamento, as meninas sempre falando do cabelo crespo, é um movimento que tem identidade assim, que tem o movimento negro, em ai identidade ta muito presente, então esse convívio com essas pessoas foi que de fato mobilizou pra parar de alisar o cabelo, acho que eu não preciso alisar o cabelo. [...] Eu acho que, eu acho que toda vez que alguém te pergunta: porque você não alisa o cabelo? Né, eu acho que toda vez que a pessoa não te pergunta, mas pensa, mas porque ela não alisa o cabelo? Você ta minimamente fazendo a pessoa pensar sobre aquilo, agora eu acho que também, eu acho que é uma atitude política, eu acho que é importante, mas ela sozinha também não quer dizer nada [...] **(Luisa Mahin, 31 anos, Geografa).**

[...] eu acredito muito que você assumir o cabelo crespo é um ato de libertação assim, pensando que a estética do cabelo crespo ela é uma das identidades de você ser negro, de você ter orgulho de ser a pessoa que você é né [...] Com certeza, é você usar o corpo como seu instrumento político, seu instrumento de reeducar a sociedade né, pra que ela te aceite da forma que você é, que passe a te respeitar, e é um exercício a cada dia, não é fácil, porque a sociedade ta dizendo que você ta feia, você é estranha, você é exótica. Ai você coloca o turbante: ah se é da macumba? Ah, eu até gostaria de saber tocar macumba, como macumba é um instrumento né, e ai a pessoa sempre tem uma forma de te diminuir. E você assumir o cabelo crespo é sim um ato político, é uma forma de você enfrentar esse racismo, como uma ação que ao mesmo tempo parece simples, que faz parte do seu corpo, mas não é tão simples assim, e tudo o que eu falei né, a sociedade ela ta dizendo: olha alisa o cabelo que você vai ficar melhor compra um pente. E ai é uma batalha, cada dia é um dia novo. **(Carolina de Jesus, 31 anos, Jornalista e Escritora).**

O cabelo crespo é um dos principais símbolos da identidade negra, algumas etnias africanas, e até algumas religiões de matriz africana vêem a cabeça (ori) como um lugar sagrado no corpo humano. O Movimento *Black Power* utilizou como principal logo marca do Partido Panteras Negras o cabelo *black power*, quando uma pessoa é mestiça é possível para esta esconder sua negritude alisando o cabelo, e

tendo a pele clara é mais fácil se classificar como branca legítima, mas os traços não negam. *Black power* significa poder preto, diante de tantas questões levantadas podemos dizer que assumir uma estética que valoriza a cultura afro-brasileira é sem dúvida um ato político. Gomes conta que:

[..] ao analisar o cabelo do negro como um estilo político, lembra que o negro e a negra norte-americanos, durante um período da história, usaram um estilo de cabelo denominado “afro”, que implicava o uso do cabelo crespo na sua textura natural. Esse estilo foi o preferido de ativistas negros norte-americanos, como as Panteras Negras. Segundo o autor, esse penteado simbolizava uma tentativa de reconstituição da África, integrando um processo de luta contra hegemônica e ajudando a redefinir a classificação racial do povo negro norte-americano, não mais como negros, mas como afro-americanos. (MERCER, 1994 *Apud* GOMES, 2008, p. 192).

Não temos a intenção de afirmar que somente os negros que usam o cabelo crespo são conscientes da questão racial, e tem orgulho de sua etnia. A manipulação dos cabelos faz parte da cultura africana, mas não podemos desassociar o alisamento do enquadramento a supremacia branca. Não que as mulheres negras tenham a ilusão de tornarem-se brancas alisando o cabelo, esse tipo de manipulação se dá na esperança de ficar mais bonita, mas quando associamos o estar bonito somente a uma característica do mundo branco, temos aí um problema.

Outra questão a ser levantada é que não somente o cabelo crespo natural é capaz de revelar a afirmação da identidade negra, mas outras formas de manipular o cabelo como a trança que é uma tradição antiga vinda da África, muito usada nas meninas negras como relatam nas entrevistas, dentre esta há várias formas como o *canecalon*, a trança enraizada, e é uma característica que foi adotada pelos brancos também. Outra forma é o uso dos *dreads* que pode ser entendido como uma forma mais radical e exagerada de demonstrar a negritude, esse estilo de cabelo ainda é muito discriminado em nossa sociedade embora também tenha sido adotado pelos brancos, mas quando os negros fazem uso dele, são muito mais violentados pela sociedade. Ainda temos o turbante que não é exclusivo da cultura africana, mas é bastante associado às religiões de matriz africana, sendo que a mulher negra é duplamente discriminada quando faz uso deste adereço, já que essas religiões são vistas de modo negativo pela sociedade adepta ao cristianismo.

Com relação a participação nos movimentos sociais a entrevistadas relataram da seguinte forma as suas experiências vejamos:

Eu acho que um dos movimentos que eu participei foi até o da Pastoral (Pastoral da Juventude), conheci muita gente da pastoral, eu entrei na PJ após o êxodo (grupo de formação) e aí comecei a me identificar mais com pessoas parecidas com as ideias, aí você se espelha um pouco nas pessoas. Aí depois eu entrei no grupo de comunicação sobre periferia, aí também já era um pessoal mais assim, e depois quando a gente criou o Nós (Coletivo Nós, mulheres da periferia), quando a gente criou, eu acho que eu já estava numa posição convicta do que eu era, do que eu pretendia. [...] Eu acho que é uma questão de identidade mesmo, de eu me reconhecer enquanto mulher da periferia. E ter o objetivo de falar sobre nós, sobre elas, eu sou jornalista, e eu acho que eu posso contribuir produzindo conteúdo sobre as mulheres da periferia, falando sobre a questão de gênero, falando sobre a questão racial, falando sobre a questão de direitos humanos, tudo num lugar só. E aí eu acho que foi isso que me motivou a estar nesse grupo. **(Lélia Gonzales, 28 anos, jornalista).**

Então foi a faculdade, porque a faculdade eu comecei a conhecer pessoas que frequentavam, porque até antes da faculdade, assim eu conhecia pessoas, mas eu nunca me interessei, mas a partir da faculdade que eu comecei a ter conhecimento, a teoria, e foi aí que eu tive oportunidade realmente de conhecer, sobre a cultura, o movimento tudo tal. [...] Já fui também na Zumbi dos Palmares que eu achei muito interessante, fui numa palestra que falava sobre genocídio da juventude negra, achei muito bacana também porque lá, você é você entendeu. Lá quem não reconhece a sua própria identidade, quando você pisa na Zumbi dos Palmares e você começa a conversar com as pessoas e que elas falam que: olha quando eu entrei aqui na faculdade eu me reconheci como negro, não tenho vergonha, antes tinha vergonha de andar de cabelo crespo, e também é um local aonde eu achei muito bacana [...] **(Angela Davis, 28 anos, estudante de Serviço Social).**

Ah assim, eu acho que eu acabo não tendo muito tempo de participar tanto como eu gostaria, mas assim o SESC agora, eu trabalho no SESC, eles tem muito trabalho bacana, o manifesto crespo que vai lá, então eu tenho essa interação com as atividades propostas lá né, e assim é um espaço que ajuda essa emancipação e assim, lá tem uma diversidade muito grande e assim eu percebo que são pessoas jovens, que se valorizam muito e que, que apostam nisso também né, nessa coisa de se valorizar entendeu? E não ter vergonha das suas raízes, ao contrário, se sentir orgulhosa né, da história, do que passou. **(Dandara, 33 anos, estudante de Serviço Social).**

[...] eu participo do movimento de cultura, Movimento Social de Cultura, e mais ativamente é isso do Fórum de Cultura da Zona Leste, dos movimentos de cultura, eu sou de grupo de teatro, toco também em algumas batucadas, e sou de um Centro de Pesquisa e Documentação histórica que fala do bairro Guaianazes, Lajeado e Cidade Tiradentes, que é a região que eu sempre morei assim, então eu trabalho com espaços onde isso é circula mais. [...] então minha família sempre foi de movimento social então sempre foi uma coisa muito natural, quando eu era criança, adolescente, e participava de movimento social não tinha um movimento social de cultura só, tinha movimento social até porque as reivindicações eram assim: precisa de asfalto, precisa de água, precisa de ligação de água, precisa de luz, eram reivindicações muito básicas, então o movimento de moradia era muito forte, e era meio por aí que eu militava, participava. **(Luisa Mahin, 31 anos, Geografa).**

Então, eu participo do **Mjiba*** né, que é um coletivo que tem a ideia de visibilizar o trabalho artístico de mulheres negras, é a gente tem duas ações fortes que é a nossa diretriz, que é o evento Mjiba em ação [...] a outra é fortalecer a literatura negra feminina feita por autores da periferia [...] **(Carolina de Jesus, 31 anos, Jornalista e Escritora)**.

Das quatro entrevistadas, duas participam ativamente de algum movimento social ou coletivo, as outras duas estão cursando Serviço Social, este pode também ser considerado um espaço de militância que dialoga ou deveria dialogar com os movimentos sociais. Dessa maneira, podemos observar que a militância tem relação com o conhecimento que essas mulheres obtiveram acerca da história de seus ancestrais, reconhecendo então que fazem parte dessa história. Podemos inferir que quando sabemos de nossa história somos capazes de reconstruir a nossa identidade antes atribuída por um padrão cultural.

A inserção em movimentos sociais é importante para o reconhecimento dos direitos, e assim podemos observar que não somente o movimento negro é capaz de dialogar com as questões de identidade, mas como cita uma das entrevistadas, “são movimentos que falam da emancipação humana”, e dão conta de elucidar a questão das relações sociais, permitindo a mulher negra uma busca pela história do seu povo.

Além disso, ao realizar uma pesquisa nas redes sociais podemos observar um largo cenário de *blogs*, *sites*, *homepages* que abordam o empoderamento da mulher negra nas redes sociais existentes atualmente. Além dos diversos coletivos e movimentos citados pelas entrevistadas manterem esse tipo de veículo de informação para expor as suas ideias. Merece destaque as iniciativas de grupos e mulheres que “militam” virtualmente seja dando dicas de cuidados com o cabelo crespo, cacheado, entre outros, ou defendendo politicamente a cultura afro, utilizando a beleza negra para tal.

Podemos entender esses espaços como de militância, uma vez que a *internet* se tornou de fácil acesso para as populações brasileiras, e diversas ideias são veiculadas nesse meio. Observa-se ainda que os meios de comunicação de massa sejam espaços privilegiados dos brancos, e a *internet* inicialmente também foi privilégio dos mais favorecidos e brancos. Por outro lado é oportuno que se

compreenda que a mulher negra faça uso desse veículo para “proliferar” a sua identidade, seja de forma conscientizada politicamente ou não.

A hipótese levantada no projeto de pesquisa sugeria que a inserção das mulheres negras em espaços políticos como movimentos sociais, coletivos, ou grupos, seria uma porta de entrada para o reconhecimento de suas identidades negras, e sucessivamente ocorreria o ato de assumir o cabelo crespo. Diante dos dados coletados percebemos que os movimentos tiveram participação no processo de emancipação.

A luta pela emancipação se deu...

Eu acho que o movimento contribui a partir do momento que as mulheres que são do movimento se libertam, e aí as mulheres vão se libertando, cada vez mais, você se vê na possibilidade de se libertar também. Ah se todo mundo tá usando eu vou parar de fazer chapinha, eu acho que quanto mais gente tiver. Não que o movimento precise diretamente fazer uma ação, divulgar panfleto, fazer debate, é isso mesmo de cada mulher lá no seu espaço ser exemplo, por isso que eu acho importante a gente tá lá. No meu emprego temos duas negras né, numa empresa, eu estando lá enquanto mulher negra com o cabelo solto, eu acho que eu já tô ocupando o espaço, falando assim: o, sou mulher negra, tenho o cabelo crespo [...] **(Lélia Gonzales, 28 anos, jornalista)**.

Ah, a identidade desencadeada né, assim uma coisa que eu ficava muito reprimida, e eu tive a oportunidade de me conhecer e me valorizar, então, tem tudo a ver comigo daquilo que eu acredito, entendeu? Então, sempre eu tô por isso mesmo, pela identificação, porque geralmente por alguma atividade lá de acordo com a sua identidade, naquilo que você acredita, naquilo que você admira, ou respeita né. [...] ser corajosa né, porque a partir do momento em que você se emancipa, não quer dizer que você só receba elogios, você recebe críticas né, mas, é recebe crítica de pessoas que, preconceituosa, que fala: meu, vai pentear esse cabelo, mas assim, o que vale, é a sua vontade, é o seu interesse realmente de que não tá preocupada com o que os outros vão falar, e viver o que você acredita, entendeu? Então isso é interessante. **(Dandara, 33 anos, estudante de Serviço Social)**.

[...] então esses movimentos contribuíram pra eu perceber que tinha um universo aí, que era difícil, porque até hoje, cinco anos com o cabelo de dread, pensando no Mjiba dez anos falando sobre a visibilidade da mulher negra, na faculdade eu pesquisei isso né, a visibilidade das mulheres negras nos meios de comunicação, e aí se percebe que até a nossa auto estima ela é flutuante né, hoje você tá bem com você, no outro dia você: que merda, que bosta. E sei lá, já teve gente de você perceber que a doença tá na outra pessoa, porque é uma doença, tá na outra pessoa não tá em você [...] **(Carolina de Jesus, 31 anos, Jornalista e Escritora)**.

A emancipação é a palavra chave dessa pesquisa, e como não permanecer acreditando que a emancipação dessas mulheres se dá no encontro com os

espaços de militância? Não é que assumir o cabelo crespo seja o caminho para a emancipação, não podemos ser tão simplistas, mas o cabelo *black power*, o *dread*, o resgate da trança, o turbante, são alguns símbolos que esse processo carrega.

Emancipação significa o ato de tornar livre ou independente. O termo é aplicado em muitos contextos como emancipação de menor, emancipação da mulher, emancipação política etc. Em Filosofia, a emancipação é a luta das minorias pelos seus direitos de igualdade ou pelos seus direitos políticos enquanto cidadãos. O conceito de emancipação política foi abordado por Karl Marx em um ensaio publicado em 1844 sobre a “questão judaica” na Alemanha daquela época. Para Marx, a emancipação política do judeu ou do cristão estava relacionada com a emancipação do Estado do judaísmo, do cristianismo ou de qualquer religião. (WWW.SIGNIFICADOS.COM.BR, s.p, s.d).

Essas mulheres se encontraram nos espaços de militância, e após reconhecerem-se como negras, ou aceitarem-se como negras, decidiram afirmar esse reconhecimento ou aceitação utilizando como símbolo o que carregam na cabeça. Já que é com o cabelo que lhes fizeram disfarçar sua negritude, foi com o cabelo que elas reafirmaram o que são.

É claro que a emancipação é um processo, e não se dá no imediatismo, é um longo processo de conhecimento, informação, busca reconhecimento de direitos, de identidade. Expressar essa emancipação utilizando da cultura que lhes foi negada também é um processo, e em alguns momentos elas se vêem fragilizadas, como conta a entrevistada Carolina de Jesus, “não é todo dia que a mulher negra está contente com o seu cabelo”, e com a autoestima elevada, tem dias em que ela enfraquece, e entra em crise. A entrevistada Luiza Mahin também conta que por diversas vezes nesse processo de transição “pensou em alisar”, pois realmente não é fácil assumir um cabelo crespo numa sociedade que acha o negro feio e exótico. Dessa forma é importante entender que esse é um processo libertador mas ao mesmo tempo muito doloroso.

Os termos utilizados normalmente são Emancipação política, ou Emancipação humana. Para MARX (1969), Apud LESSA (2007), a emancipação política não garante a plena liberdade, mas trata-se de um processo, onde se precisa chegar realmente. É na emancipação humana, quando a propriedade privada pode ser superada e todas as questões que geraram a desigualdade social.

No entanto abordamos na pesquisa a emancipação social por acreditar que esse termo refere-se ao reconhecimento de direitos, a busca pelo conhecimento, entre outros processos de libertação.

Nas falas das entrevistadas observa-se a importância da representação nesse processo de se libertar, ser exemplo, compreendido assim, na forma de um instrumento de luta com o objetivo de conquistar mais mulheres para o reconhecimento da identidade.

Há que se considerar que o projeto ético político do serviço social tem como princípio trabalhar pela emancipação dos sujeitos em sua prática profissional. O código de ética profissional afirma no inciso I de seus princípios fundamentais: “I – Reconhecimento da liberdade como valor ético central e das demandas políticas a ela inerentes, autonomia, emancipação e plena expansão dos indivíduos sociais.”. Portanto é de extrema importância discutir as relações étnicas raciais na prática profissional ressaltando que o público majoritário do Serviço Social é afrodescendente.

No que diz respeito a visão sobre o racismo e preconceito as entrevistadas narram o seguinte:

[...] entrevista de emprego, mesmo você sendo boa parece que falta alguma coisinha pra você chegar lá. [...] E eu acho que a cor influencia também, e o cabelo também né, muita gente, eu pessoalmente nunca tive isso, mas você chegar num lugar mais social e aí seu cabelo é crespo, parece que não tá adequado pra situação, você pensa ah será que eu vou com o cabelo solto nesse evento? É um evento chique, o cabelo crespo, a mulher preta, nunca tá adequado pra aquele lugar, parece que aquilo não te pertence, você não tão boa pra aquilo, por mais que você se esforce e seja boa tal, nunca vai ta bom pra você. [...] porque ta capa da revista, você nunca se vê lá, você num ta na capa da revista, sua beleza não é representada. Essas pequenas coisinhas né, racismo existe o tempo todo, até na gente mesmo, mas infelizmente a gente tem racismo, você vê um pretinho ali e você já fica com medo, já segura a bolsa, é automático, mas é o racismo que ta em você, ta em todo mundo. **(Lélia Gonzales, 28 anos, jornalista).**

Ah sim, racismo tem sim. Pra mulher sempre pesa mais né, eu acho que pra mulher pesa porque, eu acho que quando a gente, um exemplo disso, é você liga a televisão você sempre encontra mulheres bonitas, eu vejo que na verdade a gente vive né, a nossa sociedade além de se preconceituosa, exige muito esse padrão de beleza. Se eu já sofri, racismo, olha eu acho pelo fato de ter a pele um pouco mais clara, talvez, com certeza devo ter sofrido né, mas não foi tão nítido né [...] **(Angela Davis, 28 anos, Estudante de Serviço Social)**

Ah, com certeza, hoje assim é um pouco velado né, por causa da lei né, mas assim claro que existe, é muito forte ainda. O preconceito? O racismo né? O racismo, eu sofro mais com o racismo que eu percebo, é com a minha religião, então eu ouço muita coisa assim, de coisas que eu consigo, com a minha dedicação, meu desempenho, e eu percebo pessoas falando assim: nossa você fez alguma macumba? Então eu percebo mais em relação a isso, mais em relação a minha religião, a pessoa ser leiga no assunto, não saber, e chegar e jogar essa né, de que se eu consigo as coisas, se eu to se dando bem na vida é porque eu to fazendo algum trabalho, alguma atividade que não seja os meus esforços. **(Dandara, 33 anos, Estudante de Serviço Social).**

Só se eu for muito louca pra dizer que não tem racismo embora eu saiba que algumas pessoas achem que não. Ah se manifesta com tudo né, acho que eu sou assim, ganho menos que os meus irmãos, por exemplo, que são homens negros, então, com a mesma escolaridade, posso até dizer que como isso faz diferença eu estudo numa universidade pública, eu já tenho uma graduação e meus irmãos não, tenho graduação em universidade particular e eles ganham mais que eu, é obvio que alguma coisa ta... não faz sentido assim, e também pela profissão, mais de qualquer maneira meu irmão também trabalha com artes e ganha mais que eu [...] minha mãe que fala isso que o pai dela, filho de escravo, onde o branco bate uma vez o preto tem que bater três pra conseguir, não que não vá conseguir, mas a dificuldade de conseguir é maior, e eu percebia isso por exemplo em entrevista de emprego, eu nunca, eu sempre conseguia, pode até parecer, mas a impressão que eu tinha numa entrevista era que se eu for muito melhor que todo mundo, eu passo, se eu for tão bem quanto todo mundo foi, eu não passo nessa entrevista, então de certa forma você precisa sempre ta correndo mesmo muito mais atrás dos que as outras pessoas, e isso é um peso do caralho [...] **(Luisa Mahin, 31 anos, Geografa).**

Ainda existe racismo, ele existe, e o mais difícil de combater o racismo é porque ele da a entender que é subjetivo, e aí tem negros que se incomodam e tem negros que não percebem, não percebe e não se posiciona também [...] e aí com essa cultura do ódio que a gente ta aí né, a gente percebe que as pessoas estão cada vez mais sendo racistas, não tem medo de bandear pro lado de nazistas, de skinhead. E aí tem um texto de um amigo que ele fala assim: Você não foi pra rua porque você é contra a corrupção, você foi pra rua porque você odeia ver negro tendo acesso a cotas raciais, teve uma série de mudanças, e eu acho que os brancos eles não engoliram as cotas raciais, não engoliram uma série de ações afirmativas [...] E sei lá, já teve gente de você perceber que a doença ta na outra pessoa, porque é uma doença, ta na outra pessoa não ta em você, porque você começa a duvidar de você né, quando o racismo começa a te atingir, teve pessoa que não senta no ônibus ao meu lado, não tinha outro lugar e a pessoa não sentou, aí você vai comprar... eu tava comprando shampoo, e a pessoa nossa você lava com shampoo? Porque meu amigo tem dread e ele lava com sabão em pó, aí você se recusa a responder alguma coisa né, outro dia uma conhecida pegou o meu cabelo e cheirou do nada assim, eu me senti tão violentada, ela: ah é cheiroso né, e aí assim você se choca, e você não consegue falar nada, porque te pega desprevenida, por mais que eu fale nessas questões, quando elas acontecem comigo eu fico totalmente sem reação, porque é escroto né, o racismo ele é escroto [...] **(Carolina de Jesus, 31 anos, Jornalista e Escritora).**

O racismo é a concepção de superioridade de uma raça sob a outra. Na fala das entrevistadas podemos perceber que o racismo continua latente, por mais que a sociedade brasileira acredite que vivemos em uma democracia racial, se comparando aos Estados Unidos onde o racismo é escancarado. No Brasil ele se dá

de forma sutil, silencioso, em pequenos gestos, falas. A sociedade ainda acha que o negro vê racismo em tudo, ou seja, uma forma de mascarar o problema, dizer que o avô era negro não ameniza o racismo. As cotas raciais incomodam tanto porque o negro está ocupando o mesmo espaço nos bancos universitários, e como desculpa se diz que ele não teve esforço para conseguir. O preconceito com relação às religiões de matriz africana. Um exemplo são as capas das revistas que contem mulheres brancas como sinal de beleza, e se for negra que tenha mais traços brancos possíveis, e ainda os temos os negros fazendo papel de serviçais nas novelas. O racismo é hipocritamente velado no Brasil.

Por que boa parte dos brasileiros ainda acredita que vivamos numa “democracia racial”? Para começar, porque as elites que nos governaram até hoje precisavam vender essa mentira aqui e no exterior. A cabeça de uma sociedade é, em geral, feita pela sua classe dominante – com o objetivo duplo de manter seus privilégios e deixá-la dormir em paz. (SANTOS, 1991, p. 43).

Podemos observar que grande parte das entrevistadas cita as entrevistas de emprego como um espaço a temer quando se trata de uma mulher negra que irá concorrer. Se essa negra tiver traços embranquecidos ela pode até ser melhor vista, mas se ela tiver um estilo de cabelo considerado não apropriado certamente encontrará dificuldades em obter a vaga de emprego, e mesmo que tenha um bom currículo, curso superior e uma boa experiência, a entrevistada Luiza Mahin conta isso de forma bastante intrigante quando diz que “se ela for melhor que todo mundo numa entrevista de emprego ela passa, mas se ela for tão boa quanto todo mundo ela não passa”. Afirma que o negro “precisa bater três vezes na porta onde o branco bateu uma só vez, e, revela o claro distanciamento social entre brancos e negros.

Outra questão levantada pelas entrevistas é a representação da beleza feminina nas revistas e televisão, pois a mulher negra não se vê representada nesses espaços, ao considerar que o que se vê são mulheres negras com traços finos o menos negroide possível. Isso pode ser considerado uma das questões que ataca a autoestima da mulher negra fazendo com que ela busque como alternativa se embranquecer inconscientemente.

Diante dos dados coletados podemos afirmar o quanto o racismo é cruel e violento, mas no Brasil ele se dá de forma subjetiva dificultando a interpretação de

falas e atos racistas, e assim se tornando mais difícil utilizar os espaços de denúncia.

Considerações finais

A afirmação da identidade negra pode ocorrer de diversas formas seja através da religião, das políticas afirmativas, dos eventos culturais, da vestimenta, todas essas são formas de resistência ao sistema racista. Mas neste estudo elegemos o cabelo, porque este carrega muitas questões espirituais, e pessoais como observado nos dados coletados na pesquisa, em um país miscigenado como o Brasil, o cabelo pode ser um dos únicos sinais que denunciam a negritude de uma pessoa.

Optamos por realizar um levantamento histórico da história do negro no Brasil, trazendo um pouco de sua história na África, mas há poucos estudos fiéis sobre o assunto. Observamos que durante o sequestro de negros africanos, muitas outras coisas foram roubadas pelo colonialismo, entre elas a identidade, a cultura, os sobrenomes, a origem. Desta forma resolvemos dar destaque as lutas do povo negro pela sua libertação, e contra o racismo, sempre destacando as mulheres negras nessa luta, porém a participação desta também é ocultada nas histórias de resistência. Destacamos uma das lutas muito importantes que se iniciou nos Estados Unidos com o Partido dos Panteras Negras, que se alastrou para outras partes do mundo inclusive no Brasil, foi o chamado Movimento *Black Power*, movimento de resistência contra os direitos civis nos Estados Unidos, e que tinha como símbolo o cabelo *black power*. Foi um importante movimento de empoderamento do povo negro, elevando a autoestima, e devolvendo a dignidade e respeito a comunidade negra.

Tendo a identidade como tema central desse estudo, procuramos discutir a importância dos símbolos na afirmação da identidade negra, dando destaque ao cabelo crespo, e as várias formas de manuseá-lo traduzindo um modo de resistência ao padrão de beleza eurocêntrico. Na hipótese levantada na pesquisa procuramos entender se a inserção da mulher negra nos movimentos sociais teria relação com o reconhecimento de sua negritude. Ao realizar a pesquisa de campo observamos que todas as mulheres entrevistadas deixaram de alisar os cabelos depois que passaram a participar de movimentos sociais. Desse modo procuramos entender qual seria o significado desse ato no processo de reconhecimento da identidade. Algumas

entrevistadas narraram que o uso do cabelo crespo natural é um ato político diante do racismo velado em que vivemos no Brasil. Desta forma podemos afirmar que a hipótese foi respondida, ou seja, o uso do cabelo crespo é sim uma representação política da condição em que essas mulheres vivem, por mais que este não possa estar dissociado de uma consciência racial, nos dados coletados na pesquisa foi possível observar que o cabelo está diretamente relacionado ao reconhecimento da identidade negra.

Foi possível observar que o problema levantado na pesquisa questionava porque uma sociedade onde mais de metade da população é negra insiste em manter padrões de beleza europeus. No estudo bibliográfico realizado pudemos constatar que o Brasil é um país que mantém uma cultura colonizadora mesmo diante de tantos avanços nas políticas afirmativas, por mais que o uso do cabelo *black power* esteja na moda ultimamente, até mesmo com as redes sociais que mantêm diversas páginas que falam do empoderamento da mulher negra por meio do cabelo. Se observarmos, a mídia apresenta poucos negros na televisão, os negros continuam fazendo papel de serviçais nas novelas, e se estes ganham algum papel de destaque geralmente possuem características “brancas”, como os traços do rosto mais finos, corpo menos avantajado, e o cabelo crespo precisam estar impecáveis para aparecer na televisão. As entrevistadas relataram que continuam não se sentindo representadas nos meios de comunicação, e isso é grave, pois se trata de um racismo institucional.

Esta é uma luta cultural, e que não tem resolução rápida. Neste sentido se faz necessário uma política de educação que acolha de forma digna e mais humana as diversidades postas na nossa sociedade. Persistir nas políticas afirmativas é preciso, mas principalmente, descolonizar o pensamento do brasileiro, pois continua visualizando o negro como aquele que é feio ou inferior ao branco. Deve ser levado em consideração ainda a dívida histórica que o Brasil tem com a população negra, devido a anulação da história de seus ancestrais. Mas quando todo esse povo tomar consciência da sua história, da sua negritude, e da sua identidade negra, iniciará uma luta unida, e aos poucos a sociedade vai se descolonizando.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ney Luiz Teixeira de. **O Serviço Social na Educação: novas perspectivas sócias ocupacionais.** Disponível em: http://necad.paginas.ufsc.br/files/2012/07/O_Servico_Social_na_Educacao_perspectivas_socio_ocupacionais1.pdf (acessado em 03/11/2014).

AMARAL, Rita. **Porque a diversidade faz bem.** In: Revista de Antropologia Urbana, nº 7, São Paulo, 2008.

AMARO, Sarita. **A questão racial na Assistência Social: um debate emergente.** In: Revista Serviço Social e Sociedade, nº 81. São Paulo Cortez, 2005.

BRASIL, **lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888** – Abolição da escravidão.

BRASIL, **lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Prevê o ensino da história e cultura afro brasileira e africana nas escolas.

BRASIL, **lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010** - institui o estatuto da igualdade racial.

BARBOSA, Chindalena Ferreira (org.). Cartilha: **Somos todas rainhas** – Associação Frida Kahlo. São Paulo, 2011.

COSTA, Jurandir Freire. **Violência e psicanálise.** Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1984.

CLEMENTE, Aline Ferraz. **Trança afro: a cultura do cabelo subalterno.** USP, 2010.

CFESS, **Lei 8.662/93 de regulamentação da profissão** – Código de Ética do Assistente Social.

EURICO, Márcia Campos. **A percepção do assistente social acerca do racismo institucional.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010166282013000200005&script=sci_arttext.

FABRINI, Pollyanna. **Do ato estético ao ato político: uma análise do cabelo e corpo do negro.** Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros (COPENE) – Belém (PA), 2014

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** São Paulo. Ed. Edusp. 2010

GENNARI, Emilio. **Em busca da liberdade: traços das lutas escravas no Brasil.** São Paulo Ed. Expressão Popular. 2011.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** Belo Horizonte. Ed. Autentica, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** / Trad. SILVA, Tomas Tadeu da. Rio de Janeiro – Ed. DP&A, 1997

HOFBAWER Andreas. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão.** São Paulo: Editora UNESP. 2006.

HOOKS, Bell. **Alisando nosso cabelo.** Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y artista de Cuba. Janeiro-fevereiro de 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Retirado do blog coletivomarias.blogspot.com

IAMAMOTO, Marilda Vilela; CARVALHO, Raul de. **Serviço Social na Contemporaneidade: Esboço de uma interpretação histórico-metodológica.** São Paulo. Ed. Cortez, 2011.

IBASE. **Cotas raciais: Por que sim?** Rio de Janeiro: ibase, 2008

KI-ZERBO, J. **História geral da África: I. Metodologia e pré-história da África.** São Paulo Ed. Ática. 1982.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 5ª Ed. Ver e ampl. São Paulo: Atlas, 2003

LESSA, Sérgio. **A emancipação política e a defesa de direitos.** In: Revista Serviço Social e Sociedade, nº 90. São Paulo, Cortez, 2007

MALACHIAS, Rosangela. **Cabelo bom, Cabelo ruim. Coleção Percepção das diferenças. Negros e brancos na escola.** Org. SANTOS, Gislene Aparecida. Volume 4, São Paulo, 2007.

MALHEIRO, Perdigão. A escravidão no Brasil, 1867 – disponível em: novahistorianet.blogspot.com.br - acessado em 27/10/2014.

MARTINELLI, Maria Lúcia. **Pesquisa Qualitativa: Um instigante desafio.** São Paulo, Ed. Veras, 1999

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, 1994

MUNANGA, Kabengele. **Diversidade, identidade, etnicidade e cidadania.** In: Departamento de Antropologia – USP-SP, S/D.

PAIXÃO, Marcelo; GOMES, Flávio. **Histórias das diferenças e das desigualdades revisitadas: notas sobre gênero, escravidão, raça e pós-emancipação.** In Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 2008.

ROCHA, Roseli da Fonseca. **A questão étnico-racial no processo de formação em Serviço Social.** In: Revista Serviço Social e Sociedade, nº 99. São Paulo: Cortez, 2009.

RIBEIRO, Kassia Siqueira e SANTA'ANA, Raquel Santos. **Serviço Social e racismo: debatendo o cotidiano profissional e a luta anti-racista.** Disponível em: [Fhttp://www.sbpcnet.org.br/livro/62ra/resumos/resumos/2513.htm](http://www.sbpcnet.org.br/livro/62ra/resumos/resumos/2513.htm)

SANKOFA - Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana/São Paulo, Núcleo de Estudos da África, Colonialidade e Cultura Política – Número 1,

Ano I, junho de 2008. São Paulo, NEACP, 2008. Disponível em: www.sankofaamazonia.wordpress.com Acesso em 29/04/2014.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O que é racismo**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1991.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1983.

Sites consultados:

www.conceitode.com – acessado em 17/04/2015

www.afropress.com – **A população negra brasileira** - acessado em 27/10/2014.

www.escolakids.com – **os negros trazidos para o Brasil** - acessado em 27/10/2014

www.wikipedia.org – Negros - acessado em 27/10/2014.

www.michaeloart.com – Sankofa – acessado em 01/11/2014

www.anos60.wordpress.com – Direitos civis nos Estados Unidos – acessado em 01/11/2014

www.cressmg.org.br/arquivos/simposios. **Os desdobramentos do racismo na realidade escolar e os desafios para o serviço social: contribuições para o debate**. (acessado em 03/11/2014)

<https://mardehistorias.wordpress.com/2009/11/10/luiza-mahin-e-a-consciencia-negra/> 19/03/2015 às 18:06

<http://www.revistaforum.com.br/blog/2015/01/angela-davis/> 19/03/2015 às 18:12

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Dandara> 19/03/2015 às 18:16

<http://negrobelchior.cartacapital.com.br/2014/02/03/tornar-se-negra-intelectual-e-ativista-percursos-de-lelia-gonzalez/> 19/03/2015 às 18:30

<http://livrespensadores.net/carolina-maria-de-jesus-a-escritora-que-o-brasil-esqueceu/> 19/03/2015 às 18:41

<http://www.sbpcnet.org.br/livro/62ra/resumos/resumos/2513.htm> - **Serviço Social e racismo: debatendo o cotidiano profissional e a luta anti-racista** acesso em 13/04/2015

Vídeos:

O LADO de cima da cabeça. Direção: Naíra Soares. Produção: Andreza Benevides; Evandro J Santo, Vilmária Santos. 2014. 1 filme (14 min). Son, color.

PANTERAS Negras. Direção: Mario Van Peebles. 1995. 1 filme (93 min). Son. Color.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Projeto de Pesquisa: A Afirmação da identidade da mulher negra como processo de emancipação social

Prezada Senhora: Meu nome é Joelma Aparecida Rocha Coutinho sou graduanda do Curso de Serviço Social da Universidade de Santo Amaro – UNISA, e estes esclarecimentos estão sendo apresentados para solicitar sua participação livre e voluntária no projeto: **A Afirmação da identidade da mulher negra como processo de emancipação social.**

Este trabalho será realizado por orientação da professora pesquisadora, Doutora Marlene Almeida Ataíde, como Trabalho de Conclusão de Curso.

Esta atividade envolve risco mínimo, pois será feita mediante simples coleta de dados por meio de entrevistas.

Trata-se de pesquisa qualitativa que abordará 5 mulheres com idades entre 20 e 40 anos de idade, para discutir a afirmação da identidade da mulher negra como processo de emancipação. É um trabalho de extrema relevância, pois denuncia a imposição de um determinado padrão de beleza que é excludente e racista, sendo uma violência contra a autoestima de mulheres negras, que por diversas vezes são excluídas por estarem “fora” desse padrão.

A pesquisa tem como objetivo conhecer a trajetória de mulheres negras participantes de coletivos das periferias da Zona Sul e Zona Leste de São Paulo, que assumem o cabelo crespo como símbolo de um ato estético-político.

A pesquisadora responsável e orientadora deste trabalho é a Professora Doutora Marlene Almeida Ataíde, que pode ser encontrado no endereço: Rua Isabel Shimidt, 349 – Telefone: 2141-8932. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UNISA) – Rua Prof. Enéas de Siqueira Neto, 340, Jardim das Imbuías, SP – Tel.: 2141-8687.

Esta **garantida sua liberdade da retirada de participação no estudo** a qualquer momento, sem qualquer prejuízoantes, durante ou após o período deste estudo.

Em nenhum momento seu nome será divulgado no estudo.

Não há **despesas pessoais** para o participante em qualquer fase do estudo.

Também não há **compensação financeira** relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa.

Em caso de dano pessoal, diretamente relacionado aos procedimentos deste estudo, a qualquer tempo, ficam **asseguradas indenizações** por danos eventuais.

Uma via deste Termo de Consentimento ficará em seu poder.

São Paulo, ____/____/2015

Professora Doutora Marlene Almeida de Ataíde

Se você concordar em participar desta pesquisa assine no espaço determinado abaixo e coloque seu nome e o nº de seu documento de identificação.

Nome do participante da pesquisa:

Doc. Identificação:

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante para a participação neste estudo, conforme preconiza a Resolução CNS 466, de 12 de dezembro de 2012, IV.3 a 6.

Assinatura do pesquisador responsável pelo estudo Data / /
Marlene Almeida de Ataíde

Rua Prof. Eneas de Siqueira Neto, 340, Jd. Imbuías. São Paulo-SP. Telefone (11) 2141-8645. CEP-UNISA: Rua Prof. Enéas de Siqueira Neto, 340, Jardim das Imbuías, SP – Tel.: 2141-8687.

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1 – Com que idade você começou a alisar o seu cabelo, e por iniciativa de quem?
- 2 – Por que você alisava os cabelos?
- 3 – Você acha que existe uma vontade de se parecer com a mulher branca quando uma mulher negra de cabelo crespo o alisa?
- 4 – Atualmente você participa de quais movimentos ou coletivos?
- 5 – Qual foi a sua motivação para participar desse movimento?
- 6 – Em que momento você se reconheceu como mulher negra?
- 7 – Por que você decidiu utilizar a aparência que usa hoje, e partir de qual momento? Isso tem relação com o movimento que você participa?
- 8 – Você acha que existe racismo no Brasil? Onde ele mais se expressa em sua vida?